

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Conrado Mariano Tarcitano Filho

**A difusão da homeopatia argentina e o pensamento de
Tomás Pablo Paschero
(1904-1986)**

DOUTORADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

SÃO PAULO
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Conrado Mariano Tarcitano Filho

**A difusão da homeopatia argentina e o pensamento de
Tomás Pablo Paschero
(1904-1986)**

DOUTORADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Tese apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em História da Ciência sob a orientação da Prof. Dra. Silvia Irene Waisse de Priven.

SÃO PAULO
2013

FOLHA DE APROVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

BANCA EXAMINADORA

À minha família, sempre.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência pelas contribuições diretas e indiretas à realização deste trabalho.

Ao Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (CESIMA) pelas possibilidades fornecidas para a realização da pesquisa e pela oportunidade do desenvolvimento de vários outros trabalhos.

À Associação Médica Homeopática Argentina (AMHA) pela receptividade e pela disponibilidade dos arquivos e de sua biblioteca. Sem isso, o presente trabalho não poderia ter sido realizado.

À Escuela Médica Homeopática “Tomás Pablo Paschero” (EMHA) pelo acesso aos seus arquivos, que permitiu a concretização da pesquisa sobre seu fundador.

Ao Institut für Gechichte der Medizin der Robert Bosch Stiftung (IGM) pelo acolhimento e pela disponibilização do seu acervo especializado na história da homeopatia mundial.

Aos homeopatas argentinos Eugenio Candegabe, David Milstein, José Eizayaga, Marcelo Candegabe, Gustavo Cataldi, Nora Caram, Juan Galante, Federico Fisch e ao cirurgião Juan Manuel Cárcamo, por terem disponibilizado seu tempo para entrevistas, que nos apontaram caminhos para a pesquisa documental.

Ao Centro Psicanalítico “Celes Ernesto Cárcamo”, em especial à psicanalista Elisabetta Gennari de Rocca, por me abrir espaço e intermediar encontros importantes para o encaminhamento da pesquisa.

Aos meus colegas mestrandos e doutorandos do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência, pelas contribuições que muito me ajudaram na construção deste trabalho.

À CAPES, que facilitou a realização desta pesquisa.

e

À Prof. Dra. Silvia Irene Waisse de Priven, minha orientadora, professora por excelência, agradeço pela generosidade, pela paciência e acima de tudo por me mostrar o caminho com seus ensinamentos.

RESUMO

Na segunda metade do século XX, a medicina convencional começou a ser amplamente questionada, entre outros motivos, devido à priorização da doença à custa da desumanização da relação médico-paciente. Essa crítica, por outro lado, abriu espaço para uma variedade de abordagens médicas, ditas alternativas, dentre elas, a homeopatia. No entanto, a homeopatia que ganharia destaque a partir da década de 1970 não era a tradicional, mas uma variante resultante da releitura feita pelo argentino Tomás Pablo Paschero (1904-1986) das ideias do homeopata norte-americano James T. Kent (1849-1916).

A proposta de Paschero é extremamente complexa e inclui múltiplos e diversos componentes. Assim, o objetivo do presente estudo foi identificar as fontes utilizadas por Paschero e analisar a forma particular como ele as articulou de modo a construir sua peculiar abordagem teórico-prática da homeopatia, que assimilou a uma “medicina antropológica” ou “medicina da pessoa”.

Uma vez que nem Paschero nem seus contemporâneos produziram obras substanciais, o presente estudo baseou-se em intensa pesquisa em arquivos e valeu-se, também, de recursos da história oral, como entrevistas com colegas e discípulos de Paschero. Ao mesmo tempo, procurou-se circunscrever o contexto em que Paschero desenvolveu seus trabalhos, tanto no sentido de sua localização na história da homeopatia mundial e argentina, quanto em função da conjuntura sócio-histórica e histórico-científica mais geral.

Palavras-chave: História da medicina, Homeopatia, Argentina, Século XX, Tomás Pablo Paschero.

ABSTRACT

In the second half of the 20th century, conventional medicine became the target of strong criticism due its focus on disease with the consequent dehumanization of the doctor-patient relationship, among other reasons. Such criticism also made room for a variety of so-called alternative approaches in the medical marketplace, including homeopathy. Nevertheless, the brand of homeopathy that came to the foreground starting in the 1970s was not the traditional one, but a variety resulting from the elaboration of the ideas of American homeopath James T. Kent (1849-1916) by an Argentinian physician, to wit, Tomás Pablo Paschero (1904-1986).

Paschero's homeopathic views are quite complex, and include a multiplicity of different components. For that reason, the aim of the present study was to identify the sources that grounded Paschero's work, and to analyze the particular use he made of them in the construction of his particular theoretical and practical approach to homeopathy, which he assimilated to an "anthropological medicine".

As neither Paschero nor the contemporary Argentinian homeopaths wrote any substantial work, the present study is based on thorough archival work, as well as on the resources afforded by oral history, including interviews with Paschero's colleagues and disciples. In parallel, the present study sought to circumscribe the particular context within which Paschero developed his ideas, relative to both to his place in the history of homeopathy, and the overall socio-historical and historical-scientific circumstances.

Keywords: History of medicine, Homeopathy, Argentina, Twentieth century, Tomás Pablo Paschero

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - A DIFUSÃO DA HOMEOPATIA NO MUNDO: O CASO DA ARGENTINA	16
Modelos de difusão e construtos historiográficos	16
Brasil, foco de divulgação e algumas conexões oclusas	22
A introdução da homeopatia na Argentina.....	26
Primeira instituição e primeiros grandes ataques	30
A segunda (e curiosa) instituição homeopática argentina	32
Queda do telão na virada do século	38
CAPÍTULO 2 - TRANSCENDENTALISMO, PSICANÁLISE E HOMEOPATIA: AS IDEIAS DE PASCHERO	40
O doente e a doença: a insatisfação de Paschero	40
A homeopatia de Kent: moral e swedenborguismo	42
O kentismo nas ideias de Paschero	47
Homeopatas e psicanalistas	49
O transcendentalismo de Paschero.....	51
Psicanálise e homeopatia	58
CAPÍTULO 3 - A TEORIA DE PASCHERO E A PLURALIDADE HOMEOPÁTICA ARGENTINA....	64
Uma pessoa jurídica <i>sui generis</i>	64

Os cursos de pós-graduação.....	68
A homeopatia na universidade	72
A renúncia de Paschero e de seu grupo.....	76
A difusão do pensamento de Paschero	79
Internacionalização da homeopatia argentina	82
Mais um cisma.....	85
A homeopatia argentina no mundo	87
CONCLUSÃO - CAMINHOS DA HUMANIZAÇÃO DA MEDICINA NO SÉCULO XX.....	92
BIBLIOGRAFIA	101
Material de arquivos	101
Documentos.....	102
Literatura secundária	106

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Difusão da homeopatia no século XIX	17
FIGURA 2. Primeiro número de <i>El Homeópata</i> , Biblioteca Nacional de la República Argentina	34
FIGURA 3. A inserção da Argentina no mapa da difusão da homeopatia no século XIX.....	39
FIGURA 4. A difusão da homeopatia no século XX a partir da Argentina	91

INTRODUÇÃO

A homeopatia começou a propagar-se pelo mundo logo após sua formulação por Samuel Hahnemann (1755-1843), na futura Alemanha, na primeira década do século XIX. De um modo geral, esse processo seguiu um padrão identificável nos diversos países e regiões: introduzida por algum médico ou aficionado leigo, rapidamente a homeopatia passa a interessar um grande número de médicos, assim como membros influentes da comunidade – políticos, intelectuais, jornalistas, nobres, governantes, militares, etc. Na esteira disso, são fundadas associações, periódicos, cursos de divulgação e de formação e são oferecidos serviços de atendimento. Eventualmente, surgem movimentos solicitando a abertura de hospitais e cursos universitários, que, sistematicamente, confrontam a resistência das instituições da medicina convencional. A presença da homeopatia torna-se forte em alguns desses países, como, por exemplo, nos Estados Unidos da América, França, Inglaterra, Índia e, até mesmo, no Brasil.

Entretanto, a partir da virada do século XX, a homeopatia começou a declinar em todo o mundo, basicamente, devido ao desenvolvimento espetacular da medicina convencional, restringindo-se a uma presença apenas pontual em alguns poucos países. Esse declínio estendeu-se até o último quartel do século XX, quando, dentro do contexto global de crítica à medicina convencional em função de seus altos custos, do desencadeamento de doenças iatrogênicas, da

desumanização da relação médico-paciente, assim como das aspirações do movimento *New Age*, as práticas de saúde se pluralizaram, abrindo espaço para as chamadas medicinas alternativas e complementares.¹ Esse é o contexto para o vivo ressurgimento da homeopatia no Ocidente a partir da década de 1970.

No entanto, a homeopatia que então se disseminou era uma versão muito particular, altamente psicologizada, que havia sido elaborada na Argentina entre os anos 1930 e 1960, isto é, precisamente no período de declínio mundial. O principal artífice dessa renovação foi Tomás Pablo Paschero (1904-1986), propositor de uma maneira diferenciada de compreensão homeopática, que, evidentemente, satisfazia as demandas tanto dos médicos quanto dos pacientes. Levando-se isso em consideração, a questão que norteou a presente pesquisa foi a tentativa de compreender o processo de construção dessa concepção homeopática, bem como o papel que ela desempenhou na segunda onda de difusão internacional da homeopatia.

Nossa pesquisa inicial, no entanto, apontou para uma série de problemas. Em primeiro lugar, nem Paschero nem nenhum dos homeopatas argentinos que tiveram participação ativa na gênese e difusão do novo modelo homeopático produziram textos na forma de livros ou coletâneas. Alguns deles publicaram artigos em revistas científicas, já outros, notadamente Alfonso Masi Elizalde (1932-2003), não possuem,

¹ Vide Dingess, "Einleitung", 7-38 e "Für eine neue Geschichte", 7-22.

na verdade, nenhuma publicação,² e tampouco tiveram suas correspondências conservadas.

A situação da literatura secundária não era melhor: os únicos trabalhos sobre a história da homeopatia argentina disponíveis foram realizados por clínicos homeopatas muito bem intencionados, mas sem os recursos conceituais e metodológicos da pesquisa em história da ciência. Além disso, esses estudos são mais dedicados a celebrar efemérides e precursores do que a compreender em profundidade uma determinada encruzilhada da história da medicina.³ A única exceção é representada pelo trabalho de conclusão do curso de graduação em história do neto de um célebre homeopata argentino.⁴ Meritória pela pesquisa documental, essa obra, no entanto, mistura sem qualquer ordem e critério menções e transcrições de documentos, com relatos, muitos deles míticos e contraditórios, transmitidos acriticamente como parte da tradição herdada.

Além disso, excetuando os estudos recém-mencionados, a literatura internacional não faz qualquer menção à presença de atividade homeopática na

² No caso de Paschero, foi feita uma compilação de alguns dos artigos publicados por ele, intitulada *Homeopatía*. Masi Elizalde publicou alguns artigos enquanto manteve-se ligado a Paschero, mas depois de sua separação, em 1980, não publicou, de fato, mais nada. Difundia suas ideias em seminários ministrados em diversos países que, gravados e transcritos, deram origem a *Masi Elizalde – Homeopatía Teoría e Práctica* (Brasil) e *Riflessioni Omeopatiche e L'Esperienza, la Técnica e la Metodologia di Studio e di Cura Omeopatica delle Malattie Croniche di Masi Elizalde* (Itália). A única publicação de Francisco X. Eizayaga (1924-2001) é um manual de prática homeopática, intitulado *Tratado de Medicina Homeopática*.

³ Esse não é um fenômeno incomum. Na historiografia da história da homeopatia, reconhece-se que, até recentemente, os estudos históricos foram basicamente realizados por clínicos homeopatas com o propósito de estabelecer a natureza científica da homeopatia diante dos ataques da medicina convencional, cf. Dinges, “Einleitung”.

⁴ Referimo-nos a Andrés Walzer Vijnovsky, neto de Bernardo Vijnovsky, que publicou, em 2008, seu trabalho de conclusão de curso sob o título de *Historia de la homeopatía en la república Argentina desde 1817 hasta nuestros días*.

Argentina no século XIX. Nossa pesquisa inicial, entretanto, identificou nela o padrão de difusão típico do Oitocentos, com associações de classe, publicações, sucesso espetacular no combate a epidemias, apoio de personalidades destacadas e, é claro, ataques por parte da medicina convencional. Ampliando a investigação que havia sido realizada anteriormente, foi possível produzir um novo mapeamento da chegada e da difusão da homeopatia na Argentina, com alguns resultados inéditos.

Diante dos problemas descritos em relação aos documentos e à literatura secundária, nosso trabalho incorporou uma intensa pesquisa de arquivo, assim como recursos da história oral. Desse modo, a base do nosso estudo são documentos tais como atas de reuniões das diversas instituições investigadas, matérias de jornal conservadas nos arquivos da Biblioteca Nacional da Argentina, da Academia Nacional de Medicina, da Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires e da Biblioteca do Congreso de la Nación Argentina. Foram igualmente cruciais os depoimentos dos protagonistas ainda sobreviventes, como o Dr. Eugenio Candegabe, ou de seus discípulos e familiares, o que teve importância fundamental para esclarecer os vínculos de Paschero com o ambiente psicanalítico de Buenos Aires, cuja documentação é inexistente.

A pesquisa e a análise dos documentos foram realizadas por meio da metodologia preconizada pelos pesquisadores do Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (CESIMA), PUC-SP.⁵ De acordo com ela, os objetos da história da ciência são construídos na superposição de três esferas de estudos. A

⁵ Alfonso-Goldfarb, "Centenário Simão Mathias", 5-9.

primeira dessas esferas se refere aos aspectos intrínsecos das teorias e práticas científicas, que representam o foco de análise e crítica textuais dedicadas a elucidar seus aspectos epistêmicos, a identificar suas possíveis fontes (manifestas e oclusas) e a estabelecer sua relação com as tradições intelectuais a que pertencem. A segunda é uma esfera propriamente historiográfica, a qual lida com os pressupostos teóricos e metodológicos que subjazem à pesquisa e, portanto, também inclui as diversas abordagens propostas pelos especialistas em história da ciência. Finalmente, a terceira esfera se refere ao contexto histórico, isto é, às condições históricas e sociais que circunscrevem a construção de objetos epistêmicos de acordo com as diversas concepções sobre o saber e a ciência desenvolvidas ao longo do tempo.

Os resultados da pesquisa são apresentados em três capítulos. O primeiro traz uma discussão dos modelos de difusão da homeopatia, como base para a compreensão das similaridades e especificidades do caso argentino. O capítulo 2 aborda o desenvolvimento do pensamento de Paschero em relação dinâmica com diversos movimentos intelectuais próprios da primeira metade do século XX, como o transcendentalismo norte-americano e, mais particularmente, a psicanálise freudiana, cujo estabelecimento na Argentina foi vertiginoso e determinante do *ethos* cultural da classe média, que forneceu o nicho social para o desenvolvimento da homeopatia pascheriana. Finalmente, o capítulo 3 discorre sobre as repercussões institucionais decorrentes das tentativas de tornar hegemônicas as ideias de Paschero, assim como sobre a difusão dessas ideias tanto em território nacional quanto internacional.

CAPÍTULO 1

A DIFUSÃO DA HOMEOPATIA NO MUNDO: O CASO DA ARGENTINA

Modelos de difusão e construtos historiográficos

A difusão da homeopatia se iniciou logo após sua formulação por Samuel Hahnemann no final do século XVIII.⁶ No geral, os estudos a esse respeito discutem como, quando e por quem ela foi introduzida nos mais diversos países e continentes. Assim, os estudiosos delinearam seu circuito migratório (Figura 1), baseado em dois centros sucessivos: o primeiro na futura Alemanha e o segundo na França, vinculado à posterior mudança de Hahnemann para Paris em 1835.⁷

⁶ A publicação considerada fundadora da homeopatia, o “Ensaio sobre um Novo Princípio para se Determinar as Virtudes Curativas das Drogas”, data de 1796 e, apenas dez anos mais tarde, a homeopatia já era utilizada na Áustria, vide Tischner, *Geschichte der Homöopathie*, 722-3 e King, *History of Homeopathy*, 18.

⁷ Emissários originários da futura Alemanha disseminaram a homeopatia em 16 países que, no entanto, não foram focos secundários de propagação, à diferença do caso francês, conforme Tischner, 722-3.

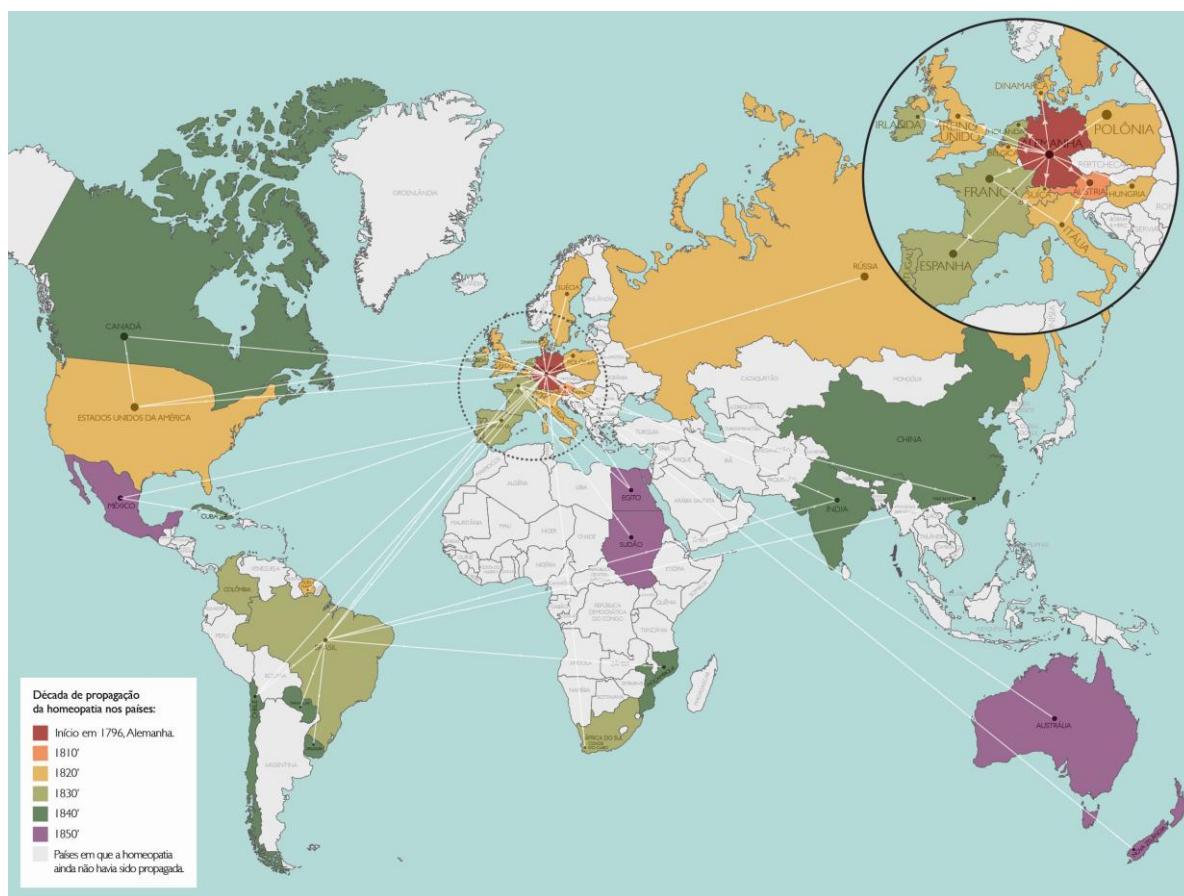


Figura 1. Difusão da homeopatia no século XIX

Nesse sentido, a homeopatia chegou ao Cone Sul a partir da década de 1830, sendo desenvolvida no Brasil (1836), na Colômbia (1837), no Paraguai, (1848) e no Uruguai (1849). Além disso, a partir de 1840, o Brasil se tornou um centro propagador, não só regional, mas também para países da África e do Oriente.⁸

É possível identificar dois modelos gerais de difusão da homeopatia no século XIX. Um envolveu a participação de médicos, sendo que alguns deles haviam procurado Hahnemann para resolverem problemas pessoais de saúde e, diante do

⁸ Incluindo Chile, Moçambique, Cabo da Boa Esperança, Angola (mais precisamente a cidade de Benguela) e China, vide Tischner, 727; 750.

sucesso terapêutico, passaram a estudar a homeopatia e, em seguida, a praticá-la. Muitos desses médicos residiam fora da Alemanha e, ao retornarem a seus países de origem, além de exercer, também ensinaram homeopatia. O segundo modelo, embora similar, foi mediado por pacientes (não por médicos), que também passaram a se interessar pela terapêutica hahnemanniana, divulgando-a em seus países de origem e, eventualmente, também clinicando.⁹

No geral, os estudos destacam a figura de um “introdutor”, e a discussão, conseqüentemente, focaliza três pontos: o primeiro refere-se à definição ou, pelo menos, à delimitação do papel desses introdutores; o segundo diz respeito às evidências que permitem sustentar que a homeopatia foi propagada por um ou outro “introdutor”; e, finalmente, o terceiro corresponde à maneira como a “introdução” foi efetivamente realizada. Por vezes, os estudiosos chamam os “introdutores” de “emissários”¹⁰, “missionários”¹¹, ou ainda, “apóstolos”¹². Os seguintes exemplos ilustram esse tipo de abordagem.

No caso dos Estados Unidos, Hans Burch Gram (1787-1840) é considerado o “introdutor” da homeopatia no país. Nessa perspectiva, a introdução da homeopatia se dá em 1825, quando Gram retorna da Dinamarca, onde se tratara e estudara com

⁹ Tischner, 740.

¹⁰ Cabe lembrar que Tischner denomina *Sendboten* (emissários) todos os que saíram da Alemanha, inicialmente, e também de outros países com o objetivo de difundir a homeopatia. Cf. *Ibid.*, 722-3.

¹¹ O termo missionário é amplamente utilizado para designar os homeopatas que saíram do Rio de Janeiro em direção a outros estados e países para divulgar e introduzir a homeopatia, vide Galhardo, “Homoeopathia no Brasil”, 554.

¹² King se refere à introdução da homeopatia na Bélgica, em 1829, por De Moor of Alost, cirurgião que se teria tornado “apóstolo do novo sistema”, vide King, 20.

o médico Hans Christian Lund (1765-1846). Este, por sua vez, havia estudado diretamente com Hahnemann e, porque traduz os textos hahnemannianos ao retornar à Dinamarca, é considerado o “introdutor” da homeopatia nesse país escandinavo. Já Gram é considerado o “introdutor” da homeopatia nos Estados Unidos porque ali escreve um pequeno texto em que faz propaganda da homeopatia. No entanto, convém destacar que muito embora Gram tivesse publicado esse texto e ensinado homeopatia aos médicos John Gray (1804-1882)¹³ e Federal Vanderburgh (1788-1868),¹⁴ ele não teve qualquer outra participação na disseminação da homeopatia nos EUA.

Paralelamente, tem-se o caso do saxão Constantine Hering (1800-1880), que, após graduar-se em medicina em 1826 e trabalhar brevemente em história natural, foi designado pelo rei da Saxônia, Frederico Augusto I (1750-1827), para servir como botânico numa expedição ao Suriname. Lá, no entanto, abandonou seu trabalho para se dedicar à homeopatia.¹⁵ Em 1833, Hering se estabeleceu nos EUA, onde foi um dos maiores responsáveis pelo desenvolvimento da homeopatia através da prática clínica, do ensino, da pesquisa, de publicações e da fundação de instituições. Junto do médico germânico William Wesselhoeft (1794-1858) e de Henry Detwiller (1795-1887), Hering fundou a North American Academy of the Homeopathic Healing Art, ou Allentown Academy, como era comumente conhecida,

¹³ John Gray iniciou seus estudos de homeopatia com Gram logo após graduar-se em medicina. O primeiro contato entre eles ocorreu na ocasião da discussão de alguns casos clínicos curados através da conduta proposta por Gram, o que impulsionou Gray a começar seus estudos homeopáticos. Além disso, foi editor de *The American Journal of Homeopathy*, primeiro periódico homeopático nos EUA. Cf. Winston, *Faces of Homeopathy*, 24.

¹⁴ Vanderburgh iniciou seus estudos com Gram após tomar conhecimento de que Gram havia curado um paciente a quem ele próprio havia indicado cirurgia. *Ibid.*, 25.

¹⁵ *Ibid.*, 31.

a qual foi a pedra de toque para o importante desenvolvimento da homeopatia nos EUA. Wesselhoeft teve seu primeiro contato com a homeopatia após receber de Johann Ernst Stapf (1788-1860), um dos “mais brilhantes e inteligentes”¹⁶ alunos de Hahnemann, uma cópia do *Organon da Arte de Curar* e da *Matéria Médica*, de autoria do formulador da homeopatia, enquanto Detwiller iniciou-se na homeopatia após fazer contato com Hahnemann em Paris, em 1836.¹⁷

Também o caso da Espanha é ilustrativo, pois a “introdução” da homeopatia no país foi feita em duas datas distintas, com repercussões bem diferentes. A primeira ocorreu em 1829, quando o médico italiano Cosimo Maria de Horatiis (1771-1850) participou da comitiva real enviada pelo rei de Nápoles para o casamento de Dona Maria Cristina com Dom Fernando VII e proferiu uma palestra sobre a homeopatia na Academia de Medicina de Madri.¹⁸ Apesar de ser, por isso, considerado o “introdutor” da homeopatia na Espanha, essa palestra não teve qualquer consequência. Com efeito, a homeopatia só começou a ser exercida no ano seguinte, quando um comerciante, o Sr. Zuarte, foi consultar Hahnemann na cidade de Köthen. Satisfeito com o resultado de seu tratamento, levou vários exemplares dos livros de Hahnemann à Espanha e os distribuiu entre os médicos da Andaluzia, onde o exercício da homeopatia se iniciaria de fato.¹⁹

¹⁶ Winston, *Faces of Homeopathy*, 27.

¹⁷ *Ibid.*, 28.

¹⁸ Tischner, 728.

¹⁹ King, 20.

Os exemplos citados acima mostram a diferença entre a figura do “introdutor” e a genuína implantação e desenvolvimento da homeopatia nos diversos países. Há, ainda, um outro perfil de “introdutor” envolvido por mitos e lendas, utilizados para legitimar essa terapêutica. No relato padrão, um grande personagem, em geral, um vulto histórico, um herói nacional, ou um membro da aristocracia é quase que milagrosamente curado pelo “introdutor”, despertando o interesse da população. Por exemplo, na Áustria, a homeopatia foi introduzida pelo médico Mathias Marenzeller (1765-1864) que, após ter estudado com Hahnemann, teria tratado um duque austríaco e, posteriormente, levado o general austríaco Karl Philipp zu Schwarzenberg (1771-1820)²⁰ a se tratar com Hahnemann. Um outro exemplo célebre é o do farmacêutico transilvano Johann Martin Honigberger (1794-1869), que foi chamado à Índia para tratar o marajá Ranjit Singh (1780-1839).²¹

Dessa forma, é pertinente rever o papel desempenhado pelos supostos “introdutores” relativamente àquele desenvolvido pelos indivíduos que, efetivamente, promoveram a propagação, divulgação e solidificação da homeopatia nos diversos países. Os casos descritos acima ilustram a distinção entre essas duas maneiras de se compreender a chegada e o desenvolvimento da homeopatia, que também podem ser identificados na América do Sul, como veremos a seguir.

²⁰ General austríaco que teve importante desempenho na guerra contra Napoleão. Participou da coalizão formada pela Áustria, Prússia e Rússia, sendo um dos responsáveis pela derrota do império francês em 1813-1814, vide Dwyer, “Austria, Prussia and Russia”, 610.

²¹ Waisse, “East Meets West”.

Brasil, foco de divulgação e algumas conexões oclusas

A década de 1840 é um marco para a homeopatia na América do Sul devido ao processo expansivo que ela apresentou no continente nesse momento. Embora presente no Brasil desde 1836, foi apenas na década seguinte que a homeopatia se expandiu e se aprofundou através da criação de institutos, cursos e publicações, além de atendimentos populares no Rio de Janeiro sob a direção de Benoit Mure (1809-1858) e João Vicente Martins (1808-1854). Deve-se mencionar ainda o Instituto Homeopático do Brasil fundado por ambos, que se tornou o propulsor da expansão da homeopatia para diversos países latino-americanos. Por esse motivo, devemos deter-nos brevemente no primeiro desenvolvimento da homeopatia no Brasil.

De acordo com a documentação disponível,²² as primeiras evidências de atividade homeopática no Brasil estão vinculadas ao médico suíço Federico Jahn, defensor de uma tese junto à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro de 1836 intitulada “Exposição da Doutrina Homeopathica”. Nela, o autor mostra ser um profundo conhecedor da teoria e prática homeopáticas, e seu tom inflamado revela mais uma ardente defesa partidária, do que uma mera formalidade acadêmica.²³

²² A documentação discorda da tese oficial, lançada por José Emydio Rodrigues Galhardo, retomada por Madel T. Luz e largamente disseminada pelas associações homeopáticas brasileiras, ao atribuir a introdução da homeopatia no Brasil a Mure. Cf. Galhardo, 15, 18 e Luz, *Arte de Curar*, 69. Essa discussão excede o escopo do presente trabalho e tem sido abordada por nós em Waisse & Tarcitano Filho, “Mapeando Itinerários”, 645-57.

²³ É também Jahn que ensinaria a homeopatia e forneceria os medicamentos necessários a sua prática ao médico brasileiro Domingos de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada (1812-1900), que desempenharia papel crucial na institucionalização da homeopatia no Brasil. vide Galhardo, 275. Outro importante divulgador inicial da homeopatia no Brasil foi o médico francês Emilio Germon

No entanto, a impressionante difusão da homeopatia no Brasil deve ser atribuída à dupla Mure e Martins, sendo que nenhum deles era médico.²⁴ Mure tinha vindo ao Brasil, em 1840, para implantar uma comunidade segundo o modelo de Charles Fourier (1772-1837), mas que, de fato, nunca saiu do papel.²⁵ Após o fracasso do projeto, Mure retornou ao Rio de Janeiro, em 1843, quando deu início a suas atividades propriamente homeopáticas.²⁶

Tudo indica, incluindo manifestações explícitas do próprio Mure, que ele considerava a homeopatia uma prática alheia à medicina. Assim, afirmava que os praticantes da homeopatia deveriam ser formados e treinados em instituições próprias, para não se “contaminarem” com os conceitos e as práticas da medicina acadêmica. Nesse sentido, ele chegaria a assim justificar o maior progresso da homeopatia no Brasil em comparação à Europa:

(1799-?), que publicou um bem sucedido *Manual de Homoeopathia*, cuja primeira edição, com tiragem de 2.000 exemplares, esgotou-se em 1840, sendo seguida de uma segunda (1848) e uma terceira (1858) edições; vide Silva, *Diccionario Portuguez*, 9: 169-70. Além disso, o *Manual* foi uma das únicas 43 obras sobre medicina, cirurgia e história natural publicadas no Brasil entre 1808 e 1843, vide Paula, “Inventário Pioneiro”, 127-44. Sobre o trabalho de Germon, vide Waisse & Tarcitano Filho, 645-57.

²⁴ Nossa consulta à Direção de Arquivos da Faculdade de Medicina de Montpellier permitiu estabelecer que Mure cursou um único semestre, em 1837. No entanto, graças a suas conexões com a influente comunidade francesa do Rio de Janeiro, apresentou uma tese de doutorado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1843, vide Mure, *Homoeopathiam confirmandam*. Por sua vez, Martins era cirurgião, vide Galhardo, 260.

²⁵ Acerca do projeto e do sucedido na comunidade em Saí, Santa Catarina, vide Thiago, *Fourier: Utopia e Esperança*.

²⁶ Segundo a documentação pesquisada por Thiago, o Instituto Homeopático do Saí e a Escola Suplementar de Medicina, instituições incluídas até hoje na base de dados do Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde do Brasil (1832-1930), Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, jamais existiram.

“[...] enquanto a homeopatia for entregue a seus inimigos, praticada e ensinada por médicos, seu progresso será vagaroso e duvidoso seu porvir [...] O golpe mais fatal que recebeu Hahnemann em seu país natal foi a fundação de cadeiras de homeopatia no seio das faculdades alopáticas.”²⁷

Desse modo, com a colaboração de Martins, Mure lançou-se com todo ímpeto à fundação de instituições associativas, de ensino e atendimento clínico, como o Instituto Homeopático do Brasil e a Escola Homeopathica do Brasil,²⁸ enfatizando a formação de leigos e o caráter filantrópico e profundamente cristão da homeopatia.²⁹

Essas características foram o estopim imediato para o envio de “missionários catequizadores” a todas as províncias do Império e a diversos países vizinhos.³⁰ Embora não mencionados por nenhum estudo acerca da história da homeopatia na Argentina, certos documentos apontam para o possível envio de “missionários catequizadores” também a esse país. O silêncio dos estudiosos e homeopatas argentinos pode indicar que esses missionários não exerceram qualquer influência nos desenvolvimentos posteriores. No entanto, nos deteremos aqui nesse episódio histórico, em parte porque ilustra claramente o projeto de Mure e Martins e, em parte

²⁷ Galhardo, 508.

²⁸ O Instituto foi fundado em 10 de dezembro de 1843 por Mure, com a missão de divulgar a homeopatia em favor dos pobres. Nesse mesmo dia, foi inaugurado o primeiro consultório médico homeopático no Brasil. A Escola foi fundada no ano seguinte e embora obtivesse a autorização para fornecer aos formados certificados de estudos, seus alunos só poderiam exercer a medicina homeopática se concluíssem também o curso de medicina da faculdade tradicional, Galhardo, 514-518.

²⁹ Ibid., 660-1.

³⁰ Ibid., 576, 581, 590, 593-4.

porque a compreensão desse projeto nos permitiu alcançar alguns resultados inéditos, como será discutido mais adiante.

Num texto publicado no nº 226 do *Jornal do Commercio*, de 17/08/1851, Martins relata que o Instituto havia cancelado a ida de professores formados pela Escola a Montevideu e à Argentina em janeiro de 1850. Esses professores eram o padre Santiago Estrázulas y Lamas e João Christiano D’Korth, nenhum deles médico.³¹

O único documento que indica a possível presença de ambos na Argentina é uma carta de Korth para Martins, datada de 24 de julho de 1851 e publicada por Martins no *Jornal do Commercio*, na qual ele comunica ter chegado a Montevideu:

“[...] tendo passado em diversos pontos da Confederação Argentina, demorando-me em cada um deles tão somente o tempo necessário para dar conhecer às vantagens da homeopatia e nunca o preciso para ganhar dinheiro, porque meu lema sempre foi o de – caridade sempre – em todo o tempo de minha missão de propaganda, o executei tão rigorosamente, que até os próprios habitantes do campo e povoados por onde passava se admiravam que pudesse haver um homem a quem se desse o nome de médico, que trabalhasse sem recompensa e com sacrifícios e despesas, todavia cheguei a receber reprovações de alguns comandantes

³¹ Eles são também mencionados como os introdutores da homeopatia no Uruguai por Tischner, 722-3, que, não faz menção à Argentina. Martins, porém, é enfático ao afirmar que ela também teria sido visitada por esses homeopatas.

dos povos onde exerci a homeopatia por praticá-la com tão absoluto desinteresse.”³²

Em outro momento da carta, Martins detalha os lugares onde divulgou e praticou a homeopatia, assim, na Confederação Argentina, menciona Gualeguaychú, (Concepción del) Uruguay e Concórdia, na província de Entre Ríos.

A introdução da homeopatia na Argentina

Vale a pena lembrar aqui que, até o presente, a história da homeopatia argentina foi tratada apenas por historiadores gerais e práticos homeopatas,³³ que geralmente produziram meras cronologias e destacaram efemérides, quando não verdadeiros mitos.³⁴ Além disso, as eventuais discussões históricas quase sempre estão destinadas a defender certa linha de prática clínica.

³² Esta carta publicada no *Jornal do Commercio* é transcrita em Galhardo, 596.

³³ O único historiador a tratar da homeopatia na Argentina de que temos notícia é Andrés Walzer Vijnovsky, neto de um célebre homeopata, em seu trabalho de conclusão do curso de história, publicado por ele como *Historia de la homeopatía en la República Argentina desde 1817 hasta nuestros días*. Dentre os homeopatas, destacam-se os trabalhos de Godofredo Jonas, Gustavo Cataldi e Horácio De Medio, listados na seção de referências bibliográficas.

³⁴ Assim, conta-se que José de San Martín (1778-1850) utilizou medicamentos homeopáticos ao cruzar os Andes para libertar a Argentina, o Chile e o Peru do reino espanhol. A suposta botica homeopática de San Martín está exposta no Museo Histórico General San Martín, de Mendoza. No entanto, essa botica de que San Martín faz uso pertencia a Ángel Correas, conforme relatou uma de suas descendentes para o avô de Walzer Vijnovsky, vide Walzer Vijnovsky, 45-6.

Um primeiro aspecto que chama a atenção na historiografia da história da homeopatia argentina é a falta da figura do “introdutor”, pois até o momento não se tem uma ideia clara de como nem por quem a homeopatia apareceu na Argentina.

O primeiro homeopata conhecido a clinicar no país foi o médico francês Guillermo Darrouzain (1802-1869). No entanto, sua atividade clínica na Argentina e no Uruguai, nos anos de 1837 e 1838, não foi homeopática. De acordo com um anúncio que publica, em 1855, nesse momento ele acabava de retornar à cidade de Rosário, tendo adquirido “novos conhecimentos”, isto é, os homeopáticos, sendo possível que já os aplicasse em Montevideu e Buenos Aires em 1845/6.³⁵ Em algum momento de sua trajetória, Darrouzain foi perseguido pelo governo de Juan Manuel de Rosas (1793-1877) e, tendo que suspender sua atividade profissional, é possível que tenha aproveitado esse intervalo para aprender homeopatia. Na época, as vias de difusão da homeopatia irradiavam a partir do Rio de Janeiro, de modo que é provável que Darrouzain tivesse aprendido inicialmente com discípulos de Mure e Martins, talvez no Uruguai.

Nesse sentido, deve-se apontar um fenômeno chamativo, que não foi identificado pelos estudiosos até o presente. O governo de Rosas, especialmente seu segundo período (1835-1852), foi caracterizado por uma violenta intolerância política, diante da qual os opositores só encontravam saída no exílio,³⁶ em Montevideu, no Chile, na Bolívia e também no Rio de Janeiro. No último caso,

³⁵ Walzer Vijnovsky, 355-6.

³⁶ Luna, *Breve historia*, 51.

alguns exilados aproveitaram o período transcorrido na capital brasileira para adquirir formação em homeopatia.

O primeiro exemplo relevante é fornecido pelo caso de Amado Laprida (1823-1862), filho de Narciso (1786-1829), presidente do congresso que decretou a independência da Argentina da Espanha, em 1816. Fugindo de Rosas, Amado se exilou no Rio de Janeiro, onde completou a formação no Instituto Homeopático do Brasil, entre 1844 e 1849.³⁷ De modo interessante, esse título foi oficialmente reconhecido na Argentina para a prática convencional da medicina.

Outro caso ainda mais notável é o da reputada educadora Juana Manso (1819-1875),³⁸ que, num artigo publicado em 1871,³⁹ fez uma retrospectiva de sua experiência com a homeopatia. Manso, também exilada por causa do governo de Rosas, estabeleceu-se no Rio de Janeiro entre 1844 e 1846 e novamente entre 1848 e 1853, isto é, quando Mure ensinava e praticava a homeopatia na cidade. Manso fez relatos acerca de seus contatos com Mure e, mais especialmente, com Martins, além de outros acerca do fato de que ela, sua mãe e uma de suas filhas haviam sido salvas da epidemia de cólera pelo tratamento homeopático.⁴⁰

³⁷ Walzer Vijnovsky, 361-2.

³⁸ Escritora, defensora dos direitos da mulher, das crianças e de outros marginalizados pela sociedade, vide Lewkowicz, *Juana Paula Manso*.

³⁹ Manso, "Resúmen Histórico", 363-6.

⁴⁰ Aproveitamos aqui para esclarecer um erro sistematicamente reiterado na literatura argentina, que afirma que Manso havia obtido o título de médica no Rio de Janeiro, depois de se matricular, em 1852, no curso de obstetrícia da Faculdade de Medicina. Ao que tudo indica, essas fontes ignoram que a carreira de parteira é separada até o dia de hoje da de medicina, inclusive na Argentina. Levando-se isso em consideração, lembramos que a primeira médica brasileira foi Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1946), que se formou nos Estados Unidos apenas em 1879. Já a primeira mulher a se formar médica numa escola brasileira foi a gaúcha Rita Lobato Velho Lopes (1867-1954),

Os depoimentos de Manso são de grande relevância para a história da homeopatia argentina, porque dão evidências de trocas homeopáticas entre o Brasil e a Argentina e abrem espaço para que se desenhe a possibilidade da homeopatia ter sido incrementada na Argentina a partir de conhecimentos obtidos com Mure e Martins no Brasil.

Também merece destaque o caso de Domingo Matheu (1817-1870),⁴¹ que retornou a Buenos Aires em 1854, depois do exílio no Rio de Janeiro. Para obter o título de doutor ao término do seu curso de medicina, apresentou uma tese intitulada “Algunas consideraciones sobre la homeopatía”, na qual contesta os princípios homeopáticos dos quais se mostra profundo conhecedor. Uma vez que, na época, como vimos pontuando, não havia atividade homeopática detectável na Argentina, é muito provável que ele também tivesse adquirido seus conhecimentos no Rio de Janeiro.

Assim, embora identificada, a circulação aqui descrita, bem como suas possíveis implicações para o desenvolvimento da homeopatia na Argentina não chamaram a atenção dos estudiosos até o presente. Essa observação se torna ainda mais intrigante ao se considerar que os exemplos citados dizem respeito a personalidades públicas.

pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1887. Sobre o assunto, vide Guimarães, “Pioneiras da Medicina”.

⁴¹ Nasceu em Buenos Aires, filho de Domingo Matheu, político que participou da Primeira Junta de Mayo, a qual governou a Argentina após a independência. Matheu Filho atuou na epidemia de cólera que assolou a cidade em 1867. Cf. Cutolo, *Diccionario argentino*, 468.

Primeira instituição e primeiros grandes ataques

Embora tenhamos verificado a presença e a atividade de homeopatas na Argentina pelo menos desde a metade do século XIX, a primeira instituição formal, a *Sociedad Hahnemanniana Argentina*, foi fundada apenas em 1869, sob o patrocínio do médico homeopata espanhol Antonio Álvarez Peralta, membro da *Sociedad Hahnemanniana Matritense*.⁴²

As tarefas assumidas pela *Sociedad* abrangiam a publicação do *Boletín de la Sociedad Hahnemanniana Argentina*, que circulou de maio de 1869 a outubro de 1872, com artigos sobre a teoria e a prática homeopáticas, dedicados a um público médico. Por esse motivo, também incluía matérias de interesse geral da classe médica, como a da criação contemporânea do Consejo Nacional de Higiene (CNH), a da regulamentação das casas de tolerância e, a partir de 1871, outra sobre a epidemia de febre amarela. O assunto desta última (a febre amarela) foi exatamente o motivo para a redução na frequência de publicação do *Boletín*, a partir de janeiro de 1871⁴³ e para o encerramento completo das atividades da *Sociedad* em outubro de 1872.⁴⁴

⁴² Homeopata malaguenho, participou no periódico *El Debate Médico*, que tinha por finalidade a propagação e a defesa da homeopatia. Álvarez Peralta fez, também, parte da Academia Médico-Quirúrgica Matritense em cujas assembleias participou de calorosos debates sobre inserção da homeopatia na academia. Cf. *España Médica*.

⁴³ *Boletín*, nº 16 (1871) 362-3.

⁴⁴ *Boletín*, nº 18 (1872) 393-4.

Nesse ínterim, a homeopatia sofria os primeiros ataques, como evidencia o debate em relação à criação do CNH. Assim, o editorial do nº 7 do *Boletín*, de 25 de agosto de 1870, alerta para o fato de que o projeto de fundação do CNH era uma “arma preparada para destruir a homeopatia em Buenos Aires, que é o pesadelo dos senhores alopatas”. O texto se refere aos artigos estatutários que outorgavam ao CNH o poder de fiscalizar o exercício da medicina e da farmácia.

Em paralelo, um acirrado debate ocupou grande espaço na *Revista Médico-Quirúrgica*, entre maio de 1860 e junho de 1870, fazendo com que, quinzenalmente, esta polêmica se reavivasse nas páginas desta revista voltada para o público médico convencional. O estopim para tal debate foi a publicação da obra *Reseña del Sistema médico homeopático y Dosis infinitesimais, acompañada de algunos documentos y datos estadísticos*, pelo médico homeopata Juan Corradi,⁴⁵ membro da Sociedad. Tratava-se, evidentemente, de uma obra de divulgação, mas chamou a atenção do editor da *Revista*, Pedro Mallo (1837-1899),⁴⁶ que desafiou Corradi a um debate público no periódico. Não é nosso objetivo, neste trabalho, evidenciar as posições tanto de Mallo quanto de Corradi com relação aos benefícios do tratamento homeopático defendidos pelo homeopata e fortemente contestados por Mallo. Pretendemos, apenas, evidenciar a presença da homeopatia no cenário médico

⁴⁵ Médico homeopata, muito provavelmente de origem italiana. Poucos são os dados bibliográficos a seu respeito. Participou ativamente no combate à epidemia de cólera que assolou Rosário e Santa Fé em 1867, vide Cutolo, 350.

⁴⁶ Médico argentino, formado em 1854, quando também funda a *Revista Médico – Quirúrgica*, com Angel Gallardo. Participou como médico na Guerra do Paraguai e recebeu a medalha de ouro do município de Buenos Aires e o diploma de Cruz de Ferro por sua atuação na epidemia de febre amarela que assolou Buenos Aires em 1871. Foi membro da comissão da exposição de higiene em 1874 e teve seu nome vinculado à criação do Departamento Nacional de Higiene. *Ibid.*, 365.

argentino do século XIX, representado aqui pela mais prestigiada revista médica da época.

A segunda (e curiosa) instituição homeopática argentina

No ano em que a Sociedad Hahnemanniana fechava suas portas, foi fundada outra instituição, a Sociedad Homeopática Argentina (SHA), presidida por Juan Petit Murat (1832-1888), responsável a partir de 1875 pela publicação do periódico *El Homeópata*. Aparentemente, a SHA dava continuidade à instituição anterior, já que dentre seus membros fundadores, constavam três da antiga sociedade ora extinta.⁴⁷ Essa presumível continuidade, assim como a reputação adquirida por Petit de Murat durante o combate à epidemia de febre amarela,⁴⁸ pareciam ter deixado estabelecido o *status* da SHA. No entanto, duas notas discordantes chamaram nossa atenção. Em primeiro lugar, o fato de uma instituição falir, e reabrir imediatamente sob um outro nome. Em segundo, a observação do conteúdo de *El Homeópata*, quando comparado ao do *Boletín*.

Quanto aos aspectos formais, o *Boletín* é austero, sem imagens de capa, seu conteúdo é estritamente médico e científico, incluindo aspectos da teoria e prática

⁴⁷ São eles: Claudio Mejía, Camilo Clausolles e Federico Mejía. Cf. Jonas, 134-5.

⁴⁸ Sua atuação lhe valeu a nomeação como médico pela Comisión Popular Masónica e pela prefeitura de Buenos Aires. Tais dados foram fornecidos por Maria Celia Quiroga, tataraneta de Petit de Murat, ao Dr. José E. Eizayaga, que nos repassou amavelmente a documentação correspondente. Por esses motivos, Petit de Murat também se tornou médico pessoal de diversos presidentes da Nação como, por exemplo, do general Julio Argentino Roca, que presidiu o país no período de 1880 a 1886.

homeopáticas, discussões de casos clínicos e debates com a medicina convencional, ou seja, evidentemente destinado a um público médico. Levando isso em consideração, um lançar de olhos sobre *El Homeópata* já é capaz de captar um contraste marcante.

Como ilustra a Figura 2, *El Homeópata* não pretende ser um periódico médico, mas um veículo de divulgação científica e literária, com fortes elementos religiosos, como denota a presença dos anjos nos dois lados do rosto de Hahnemann, um deles anunciando a homeopatia com uma trombeta, e o outro trazendo a coroa para consagrar seu triunfo. O rosto de Hahnemann está pousado sobre uma águia, animal utilizado como símbolo da homeopatia, também presente nas publicações do Instituto Homeopático do Brasil presidido por Mure. Da mesma forma, há referências bíblicas explícitas a Malaquias 4:2-3 (“*et orietur vobis timentibus nomen meum sol iustitiae et sanitatis in pinnis eius*”: Mas para vós que temeis meu nome, nascerá o sol de justiça e nas suas asas trará saúde), parafraseadas no subtítulo. Finalmente, o propósito manifesto de “defender a ciência sem privilégios”, de praticar a “caridade sem limites” e de “agir, ao invés de falar”, de modo que se pode concluir que *El Homeópata* carregava um forte componente ideológico, muito similar ao projeto de Mure e Martins.

B. A. P. B. L. I. C. O.

EL HOMEOPATA

Domingo 5 de Diciembre de 1875.

AÑO I.—N.º 9



RES
CIENCIA
SIN
PRIVILEGIO

GLORIA ETERNA A SAMUEL HAHNEMANN!



ET ORIENTUR VOBIS SOL MEE JUSTITIE ET SANITAS UNA EX RADIS EQUUS

“Y Vosotros Encontrareis la justicia en mí, y con ella la salud de vuestros cuerpos.”



NON VERBA
CARIDAD
SIN
LIMITES

Ordinas del Homeopata. Casado 412.

PERIODICO CIENTIFICO, LITERARIO Y NOTICIOSO.

Suscripciones para la Ciudad 10 po. sur. Para las Provincias y el extranjero, 119 peso frs.

Redactor y Director Dr. D. Juan Petit de Murat. Titulo Editor responsable.

<p>EL HOMEOPATA Hoyes Atlas, Domingo 5 de Diciembre de 1875.</p> <p>El dolor en la medicina El dolor en un momento de la elevación de la Homeopatía, sería tanto como desconocer la verdad, equívoca a cerrar los ojos para no ver la luz ó revelar nada. Es de parte de quien se propusiere saber esta nueva doctrina, que es un gran progreso en la medicina y el producto del estudio y conocimientos prácticos de muchos años, reconocidos por una plejada inmensa de médicos distinguidos y los mas eminentes en la escuela de los alópatas.</p> <p>Tres causas se oponen abiertamente á la ciencia homeopática: la ignorancia, la necesidad y la impostura. Un solo tipo con sobrada razón, que hay tres clases de ignorancia no saber nada, saber nada lo que se sabe, y saber otra cosa distinta de lo que se debe saber. No hablabamos de la primera, por que referido á la</p>	<p>propiedad de indignación al ver semejante injusticia? He aquí el caso en que nos encontramos: muchos enseñan el sistema homeopático y á la vez con prevención y recelo cual si fuese una droga poneros á la industria, pero ¿saben lo que es homeopatia? ¿comprenden cual es la diferencia entre homeopatia y alópata?</p> <p>De seguro que no, y lo que es mas, carecen hacia del buen sentido. Alargate esto á cada paso con una gran mala fe. ¿Así juzgas la gente que siempre ha sido lo mismo en sus apreciaciones, que carecen de fundamento sólido. ¿Así falta el raciocinio, la logica y el convencimiento producido por la práctica. Los que dicen de notable y maravilloso es, que muchos Nos, médicos se convierten en vulgares detractores de la ciencia homeopática sin tener la pericia de estudiarla, de examinarla y experimentar las verdades que enseña la misma doctrina.</p>	<p>hombres competentes bajo todos conceptos, que han ocupado los primeros puestos en las escuelas, y en las universidades, que han alcanzado gran renombre en el desempeño de sus funciones medicas y que ostentan con una clientela compuesta de lo mas escogido de las clases sociales. Raro suena que los alópatas que ocupaban la homeopatia, no la conocen, por que no la han estudiado y por consiguiente en esta materia son ignorantes. Cuando la Homeopatia ha sido ya suficientemente difundida en las primeras escuelas medicas de la vieja Europa y en la de América, por lo mas notable y competente de sus miembros, ¿qué se puede pretender al presentarse? Y si las notabilidades medicas de Europa han querido hacer unos cuantos refractarios? ¿se intenta, se cree la luz de la verdad? ¿se pretende impedir su paso á la marcha de la civilizacion, y del humano progreso? ¿una seria semejante necesidad?</p>
--	---	--

saben respecto] á la homeopatia ¿qué saben pues de este sistema? ¿cómo la juzgan? ¿es un simple modo de curar adaptable á vulgares conceptos que se valen de este sistema para explotar en su propia ventaja? Veis que no es así: la homeopatia es una ciencia propia para los que se dedican á la profesion de la medicina; necesita confianza, estudio, practica, actividad y conocimientos profundos. No visto á perjudicar á la humanidad sino á beneficiarla; hace que el infeliz y el miserable encuentren la caridad, curándose gratuitamente de sus enfermedades, pero tambien exige de los ricos y de los que pueden, la recompensa de su tiempo y trabajo de quienes dedicados á la medicina solo en ella gastan su tiempo y han necesitado muchos años de estudio para adquirir la ciencia que da remedio á las enfermedades de sus semejantes, exponiendo muchas veces su propia existencia, por salvarla de las puertas de la muerte. ¿Qué dinero puede ser capaz para recompensar la vida de un

Figura 2.

Primeiro número de *El Homeópata*, Biblioteca Nacional de la República Argentina

A análise do conteúdo dos artigos publicados nesse periódico corrobora nossa hipótese. À guisa de exemplo, pode-se citar uma seção reiterada nos vários fascículos, dedicada “Às mães de família e ao público em geral”, em que são oferecidos conselhos sobre nutrição, educação e higiene infantis, além de incentivada a prática leiga e doméstica da homeopatia. Há, ainda, uma série de artigos, muitas vezes intitulados “Lecciones de Homeopatía”, de autoria de Juan Petit de Murat, visavam difundir, de modo didático e prático, os fundamentos da prática homeopática entre o público leigo. Chama a atenção o fato de essa seção também discutir a situação da homeopatia em outros países. A respeito do Brasil, na Lição nº VI, por exemplo, publicada na edição nº 9 de 5/12/1875, Petit de Murat descreve a situação da homeopatia no país, enaltecendo o papel que Mure

desempenhara em tal contexto, e enfatiza que diversos alopatas e outras pessoas antes assumidamente contra a prática proposta por Hahnemann estavam agora trabalhando como homeopatas. Em seguida, discorre sobre a fundação da Academia Médica Homeopática do Brasil por Duque Estrada, classificando-a como mais uma instituição a favor da divulgação da homeopatia, omitindo, na verdade, que a Academia era contrária à prática homeopática leiga. Encontra-se, também, a seção “Cartas Edificantes o Instructivas sobre a Homeopatía”, que traz textos sobre a vida de Hahnemann e a homeopatia no cenário médico internacional.

No entanto, a maior parte do periódico está dedicada a um ataque acirrado, com termos por vezes violentos, à medicina convencional (alopatia), que chega a ser qualificada de trevas, em oposição à homeopatia considerada “a luz”. A homeopatia, por compreender em qual “lado se encontram a verdade e a justiça”, poderia curar “para sempre uma doença, [...] evitar cirurgias, [...] curar de maneira radical enfermidades nervosas, inclusive a alienação mental”.⁴⁹ Avançando nesse raciocínio, propõe-se que:

“[...] diminuirá o número de médicos, posto que cada pai de família, cada padre d’almas, cada Prior de convento ou chefe de Regimento poderá ser médico dos seus. Como já existem muitos exemplos. Tudo isso é e pode a ciência homeopática. Não é exagero.”⁵⁰

⁴⁹ *El Homeópata*, nº 9 (1875) 1.

⁵⁰ *El Homeópata*, nº 1 (1875) 1.

Literal e explicitamente, tem-se aí reproduzido o modelo filantrópico, utópico, religioso e antimédico de Mure e Martins, o que é referendado por um texto do último, de 1851, publicado no *Jornal do Commercio*, em que ele afirma:

“[...] um dia virá em que todo o chefe de família compreenderá como não está fora do seu alcance, de sua inteligência, curar ele mesmo todas as moléstias de seus filhos, de seus parentes, de seus fâmulos e de seus vizinhos menos que ele cuidadosos: essa convicção virá para todos quando se forem multiplicando os exemplos de curas homeopáticas alcançadas por quem não for médico; e essa multiplicidade de exemplos aí está o clero brasileiro a promovê-la dia a dia, aí estão os nossos discípulos (os que ficaram dignos de si e de nossa maior afeição) para explicar ao povo como facilmente pode ele ter à mão os remédios de seu emprego quando são apropriados [...]”⁵¹

Dada a circulação de homeopatas entre o Brasil e a Argentina e as profundas semelhanças entre os movimentos liderados pela dupla Mure-Martins e Petit de Murat, decidimos pesquisar de modo mais abrangente a biografia científica deste último. Com base na informação fornecida por descendentes de Petit de Murat em seminário apresentado no Departamento de Homeopatia da Universidad Maimónides, Buenos Aires, Argentina,⁵² conseguimos estabelecer que Petit de Murat nasceu em 1832 no Rio de Janeiro, sendo seu nome Juan Jacinto Vieyra da Silva Denis Petit de Murat ou João Procópio da Silva Paez Petit de Murat. Não se sabe muito acerca de sua vida, apenas que se casou aos 19 anos com Justa

⁵¹ Este texto foi publicado no *Jornal do Commercio* de 17/08/1851 e está transcrito em Galhardo, 595.

⁵² Vide nota 48.

Artacho, em Villa de la Unión, no Uruguai, e que em 1871 aportou em Buenos Aires para visitar familiares. Na ocasião, a epidemia de febre amarela estava no seu acme, e Petit de Murat teve uma atuação destacada, como já foi mencionado.

Sendo estrangeiro, Petit de Murat precisava revalidar seu título de médico,⁵³ contudo, não pudemos localizar a tese requerida para tanto. Porém, em 1875, apresentou um diploma em antropologia e homeopatia, expedido pela Facultas Universitatis Americanae apud Philadelphiam, de Pensilvânia.⁵⁴ A procura por essa escola na literatura especializada foi infrutífera, de modo que consultamos diretamente o Departamento de Educação do Estado de Pensilvânia, sendo informados de que se essa escola operou, o fez sem autorização nem acreditação.

Desse modo, deve-se concluir que, assim como Mure e Martins, Petit de Murat também não era médico, o que talvez explique porque em todos esses casos defende-se a prática leiga e doméstica e ataque-se à classe médica. Tampouco pode ser descartado, embora não haja documentação confirmatória, que Petit de Murat tivesse adquirido seus conhecimentos homeopáticos no Brasil junto a discípulos de Mure.

⁵³ Giampietro, “Homeopatía en la Argentina”, 207.

⁵⁴ Documento pertencente ao fundo familiar, vide nota 48.

Queda do telão na virada do século

Na virada do século, a homeopatia argentina era apenas praticada de maneira pontual no país. Já não havia sociedades médicas homeopáticas como as duas anteriormente citadas. Paralelamente, nos EUA, as escolas foram fechadas, especialmente após a publicação do relatório Flexner,⁵⁵ gerando um crescente desinteresse pela homeopatia. Na Alemanha, em 1908, foi solicitado que os homeopatas fossem retirados do conselho da Sociedade Central.⁵⁶ Esses dois exemplos nos permitem ilustrar o declínio que a homeopatia sofria na virada do século.

Entretanto, na primeira metade do século XX, na Argentina, teria início um processo que iria à contramão do que acontecia no restante do mundo. A homeopatia argentina, que fora ignorada pelos historiadores da homeopatia e que encontrara muito provavelmente no Brasil subsídios para sua prática no século XIX, passou a ser foco de um processo de organização e de estudos que a tornam o polo central e difusor de uma nova visão, que faria dela a protagonista no novo século (ver Figura 3).

⁵⁵ Winston, 220-3.

⁵⁶ A Sociedade Central, fundada em 1829 por ocasião dos cinquenta anos da formatura de Hahnemann, reunia os homeopatas em seu quadro e é a mais antiga sociedade médica alemã a nível nacional. Em 1921, ela se define como uma associação de médicos de língua alemã, vide, Dinges, "Medical Societies", 173-98.

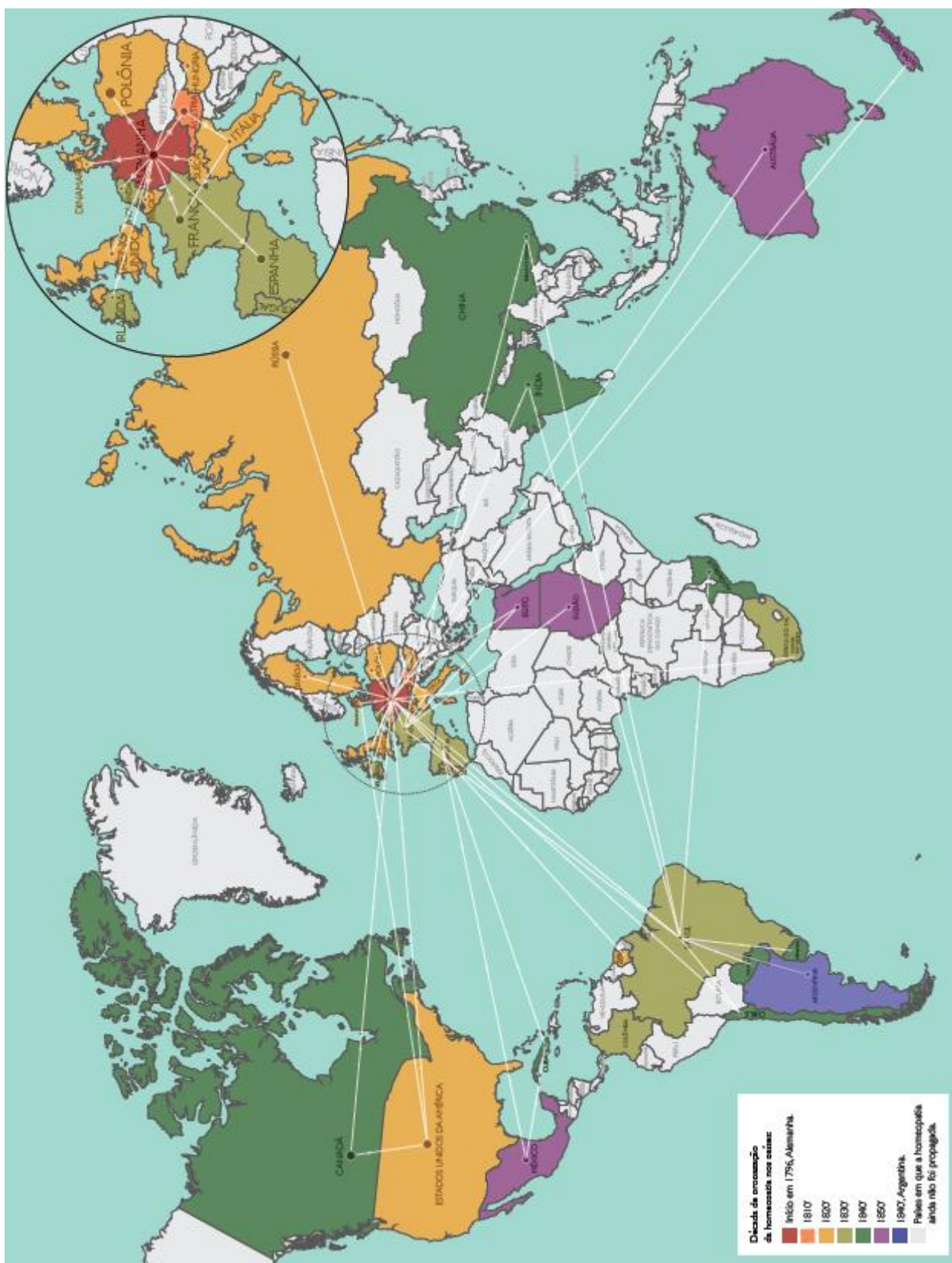


Figura 3. A inserção da Argentina no mapa da difusão da homeopatia no século XIX

CAPÍTULO 2

TRANSCENDENTALISMO, PSICANÁLISE E HOMEOPATIA: AS IDEIAS DE PASCHERO

O doente e a doença: a insatisfação de Paschero

No período de 1930 a 1970, Tomás Pablo Paschero (1904-1986) desenvolveu, a partir da inclusão de múltiplos elementos, um modelo complexo de teoria e prática homeopáticas, chamado por ele de “medicina antropológica” ou “medicina da pessoa”, que despertaria o interesse da comunidade homeopática internacional.

Médico formado pela Faculdade de Medicina de Buenos Aires em 1929, Paschero dedicou-se à prática clínica, cujos resultados, no entanto, não demoraram a produzir-lhe profunda insatisfação. Nesse sentido, convém observar que sua desilusão com a medicina convencional não se deu pelo tipo de terapêutica utilizada nem por seus efeitos, mas porque, a seu ver, essa medicina priorizava a doença em

detrimento do doente. Como tantos outros na época,⁵⁷ Paschero propõe uma inversão da fórmula tradicional para que, assim, o indivíduo doente pudesse ocupar o centro do palco. Com vistas a esse propósito, o caminho definido por ele será a homeopatia.

Sua primeira aproximação dessa abordagem médica aconteceu quando conheceu Enrique Bonicel (?-1944), um farmacêutico francês, que, segundo Paschero, teria se estabelecido em Buenos Aires com a finalidade de abrir uma farmácia homeopática. Tudo indica que as realizações de Bonicel foram além de suas expectativas iniciais, pois sua farmácia se transformou no centro de aglutinação de vários médicos que vinham estudando e praticando a homeopatia de modo autodidata e isolado. Esse grupo era formado, além de Paschero, por Godofredo Jonas (1889-1950), Jorge Augusto Masi Elizalde (1901-1959), Carlos Fisch (1896-1948), Armando Grosso (1898-1949) e Rodolfo Semich (?-1966). Tal grupo, em pouco tempo, passou a se reunir na sala de conferências do jornal *La Prensa* para “ministrar as primeiras aulas de homeopatia ao público médico”⁵⁸ e fundou a mais antiga instituição homeopática argentina, a Sociedad Médica Homeopática Argentina (SMHA), que sobrevive até o presente sob o nome adquirido em 1940 de Asociación Médica Homeopática Argentina (AMHA).

Aprofundando seus estudos, Paschero interessou-se por certas concepções homeopáticas desenvolvidas nos Estados Unidos na virada do século XIX, mais

⁵⁷ Sobre a preocupação dos médicos contemporâneos a esse respeito, vide Weisz, “Moment of Synthesis” e Thomaz, “Eugenia e Tipologia”.

⁵⁸ Paschero, preâmbulo para *Homeopatía*.

particularmente, por aquela presente nos trabalhos de James Tyler Kent (1849-1916). Como discutiremos mais detalhadamente, este médico reinterpretou a teoria homeopática à luz de ideias swedenborguianas e moralistas, gerando um movimento particular dentro da homeopatia conhecido como kentismo ou “homeopatia clássica”, que prevalece no mundo inteiro até a atualidade.⁵⁹

Assim, Paschero iniciou uma troca de correspondência com os homeopatas kentianos, em sua imensa maioria, norte-americanos, dentre os quais se destaca Arthur Hill Grimmer (1874-1967). Anteriormente discípulo direto e assistente de Kent, cuja clínica assumiu depois da morte do mestre, Grimmer era o mais importante representante das ideias kentianas naquele momento, e, de fato, Paschero parece ter decidido aprender “em primeira mão” com ele nos EUA.⁶⁰

A homeopatia de Kent: moral e swedenborguismo

Uma das tendências intelectuais privilegiadas pela intelectualidade norte-americana das décadas de 1830 e 1840 foi o movimento conhecido como transcendentalista, que questionava o estado contemporâneo da cultura e da

⁵⁹ Winston, 164-5.

⁶⁰ O período exato dessa viagem não é conhecido com precisão. Sabe-se que ocorreu na metade da década de 1930 e que teve a duração de oito meses, conforme Giampietro, 217. A análise das publicações de Paschero, no entanto, evidencia algumas mudanças substanciais, discutidas mais adiante, que permitem localizar a viagem no período entre maio de 1934 e abril de 1935. Além de passar um período com Grimmer, Paschero também visitou o Flower Homeopathic Hospital e o Hahnemann College. Cf. Paschero, preâmbulo para *Homeopatia*.

sociedade, por considerá-lo excessivamente intelectualizado.⁶¹ O termo “transcendentalismo” deriva diretamente de Immanuel Kant (1724-1804) e, por isso, não deve surpreender que o foco do movimento resultante estivesse baseado na continuidade que existe entre homem, natureza e Deus. Em contrapartida, o que é, sim, curioso e possui implicações diretas na história da homeopatia, é que no desejo de unir fé e razão com base em princípios transcendentais, uma das fontes privilegiadas tivessem sido as ideias de Emanuel Swedenborg (1688-1772).

Os estudos sobre Swedenborg abarcam um grande número de temas, de forma que tratar deles aqui nos afastaria dos limites deste trabalho. Por isso, nos concentraremos nos pontos de suas teorias que influenciaram o pensamento homeopático,⁶² para que se possa entender suas repercussões nas ideias de Paschero.

Swedenborg, reconhecido homem de ciência dinamarquês, em certo momento de sua vida, começou a ter visões e sonhos, nos quais se via passando da vida terrestre para a vida espiritual,⁶³ o que o levou a acreditar que:

⁶¹ Algumas das principais figuras do movimento foram os escritores Ralph Waldo Emerson, o polímata Henry David Thoreau, o naturalista John Muir e a jornalista e defensora dos direitos da mulher Margaret Fuller. vide Gura, *American Transcendentalism*.

⁶² As ideias de Swedenborg exerceram marcada influência nos membros da comunidade homeopática dos EUA. Cabe lembrar que vários dos médicos mais destacados do período foram swedenborguianos convictos, como o já mencionado Gram, Ernest A. Farrington (1847-1885), William Boericke (1849-1929) e Charles Julius Hempel (1811-1879). Quanto à relação entre as ideias de Swedenborg e a homeopatia, vale retomar a observação de Hering. Segundo ele, essa relação seria tão íntima a ponto de justificar sua afirmativa de “que todos os swedenborguianos deveriam fazer opção pela homeopatia”. Contudo, cabe destacar que para Hering o contrário não era necessariamente verdadeiro, como se lê em suas próprias palavras: “não há [motivos] para que os homeopatas sejam swedenborguianos”, vide Winston, 62; 166-7.

⁶³ Observe-se que Kant, no seu período pré-crítico, dedicou-lhe um opúsculo de 1766, intitulado *Sonhos de um Visionário Explicados por Sonhos da Metafísica*.

“Para prevenir a ignorância no mundo e sua conseqüente fé oscilante sobre céu e inferno, o que nos faz tolos e nos torna materialistas e ateístas, o Senhor bondosamente abriu a visão do meu espírito. Ele me elevou ao céu e me baixou ao inferno e me mostrou como é cada um.”⁶⁴

Após essas experiências, Swedenborg passou a defender a existência de dois mundos em mútua correspondência, um espiritual e o outro material.⁶⁵ Enquanto o primeiro era habitado por anjos, no mundo material residiam seres humanos, animais e plantas,⁶⁶ sendo que tudo neste mundo tinha representação no mundo espiritual.⁶⁷ A conexão entre ambos se daria por um “influxo” do espiritual para o natural. Assim, por exemplo, cada um desses mundos possuía seu próprio sol, do qual emanam calor e luz. Enquanto o calor tem influência direta nos propósitos dos seres humanos, levando ao bem do amor, a luz estaria diretamente ligada ao discernimento, produzindo o bem da verdade.⁶⁸ Certamente, nada disso seria possível se Deus não fosse a fonte absoluta do calor e da luz.⁶⁹

O influxo de vida, amor e verdade de Deus para o mundo espiritual e deste para as criaturas do mundo material evidentemente aponta referências neoplatônicas que, como se sabe, exerceram profunda influência no Renascimento, na primeira modernidade e também em diversos movimentos gnósticos, cabalísticos

⁶⁴ Swedenborg, *Soul-Body Interaction*, 230.

⁶⁵ *Ibid.*, 37.

⁶⁶ *Ibid.*, 230.

⁶⁷ *Ibid.*, 37.

⁶⁸ *Ibid.*, 229.

⁶⁹ *Ibid.*, 232.

e teosóficos.⁷⁰ No entanto, para os fins de nossa discussão, interessa em particular a doutrina das emanações, ou “influxo”, porque embasa a releitura que Kent fará do conceito de força vital hahnemanniano.

Grosso modo, Hahnemann havia desenvolvido sua concepção de força vital – “o único que adoece no ser humano”⁷¹ – como uma força newtoniana, inacessível em si mesma, perceptível apenas através dos seus efeitos.⁷² Assim, adverte que o médico só deve se preocupar com as manifestações perceptíveis da força vital, isto é, com os sintomas,⁷³ não havendo, nenhum benefício em se teorizar sobre ela propriamente.⁷⁴ No entanto, Kent reformulará sua visão sobre a força vital sob a influência das ideias swedenborguianas. Vale a pena nos determos neste ponto, já que ele será integralmente assumido por Paschero.

O ponto de partida de Kent é a substituição da noção de força (energia) pela de “quarto estado da matéria”, que chama de “substância simples”, isto é, energia substancial, princípio ou essência de todas as coisas. A substância simples é única e se torna operativa através de uma dita “série” ou corrente contínua de causalidade substancial desde Deus até a matéria mais concreta. Esse “influxo” é o que gera e mantém o universo.⁷⁵

⁷⁰ Mora, *Filosofia*, 2069-70.

⁷¹ Hahnemann, *Organon da Arte de Curar*, 3-4.

⁷² Cf. Waisse, *d & D: Duplo Dilema* e “Science of High Dilutions”.

⁷³ Hahnemann, 2-3.

⁷⁴ *Ibid.*, 3.

⁷⁵ Kent, *Filosofia Homeopática*, 84-5.

Nesse sentido, como Swedenborg, também Kent discrimina entre um mundo e o outro: um do pensamento, da substância imaterial, e outro da matéria, cuja ordem e harmonia – da estrutura de um cristal à da anatomia humana – são mantidas graças ao influxo transmitido a partir de Deus.⁷⁶ No ser humano, a substância imaterial faz o intermédio entre a alma (espiritual) e o corpo (matéria puramente inerte), agindo, assim, como “força vital”. Através de sua intermediação, a alma adapta o corpo humano para que ele desempenhe suas finalidades. A substância simples se condensa em graus mais ou menos “interiores” de acordo com as funções desempenhadas: mais interiores na vontade e no entendimento, mais exteriores nos tecidos mais grosseiros.⁷⁷

Essa dinâmica fez Kent incorporar o elemento religioso na própria origem da saúde e da doença. Esta última, Kent atribuía ao “pecado original” – doença espiritual – revestindo-a, logo, de pesados componentes morais.⁷⁸ Nesse sentido, os casos das doenças de transmissão sexual são claramente ilustrativos. De acordo com Kent, esse tipo de moléstia resultaria de uma ação voluntária inapropriada (“coito impuro”), por sua vez, resultada do “desejar o mal e pensar o falso”.⁷⁹ Sendo o pensamento e a vontade os elementos centrais do ser humano, o “pensar errado” (tomar o mau como bom) leva ao “desejo errado” (desejar o mau) e, finalmente, à “ação errada”, com consequência inevitável, a doença venérea.⁸⁰ Isso confere um

⁷⁶ Kent, *Filosofia Homeopática*, 86.

⁷⁷ *Ibid.*, 91.

⁷⁸ *Ibid.*, 159. Assim, Kent julga que “A raça humana que caminha hoje em dia sobre a face da terra é pouco melhor que uma lepra moral [...] Cada criança que nasce é um novo contágio.”, Cf. *Ibid.*, 169.

⁷⁹ *Ibid.*, 169.

⁸⁰ *Ibid.*, 157.

aspecto moral importante à concepção de saúde e doença de Kent a ser sistematicamente levado em conta no diagnóstico, no prognóstico e no tratamento dos doentes. Pelo mesmo motivo, Kent formulará uma hierarquia dos sintomas patológicos, em que os mentais (afetivos, emocionais, volitivos, intelectuais) têm o predomínio absoluto, pois representam o entendimento e a vontade humanos, isto é, são o ser humano genuíno, enquanto o corpo não é nada mais que sua casa.

O kentismo nas ideias de Paschero

A influência das ideias kentianas no pensamento de Paschero pode ser identificada claramente através da análise das publicações anteriores e posteriores a sua viagem aos EUA. Antes dela, as prescrições de Paschero se baseavam nos sintomas clínicos dos doentes, seguindo a abordagem homeopática tradicional. Isto é, valorizava em particular os sinais e os sintomas que refletiam o modo individual de adoecer, independentemente da esfera orgânica em que apareciam. Após seu retorno dos EUA, a predominância dos sintomas mentais se evidencia a tal ponto que Paschero passa a defender um método para o estudo da matéria médica homeopática que priorize esses sintomas e o estudo da personalidade do paciente.⁸¹

Esse era, de fato, o método proposto por Kent e exposto por Grimmer em um artigo reproduzido na revista *Homeopatía*, editada pela SMHA. Paschero defende essa abordagem com base na ideia de que o ser humano tem de estar no centro da

⁸¹ Paschero, *Homeopatía*, 183.

atenção médica, assim como “indivíduo é pessoa e o centro da personalidade é a mente”.⁸²

Por exemplo, em uma conferência sobre o medicamento homeopático *Phosphorus* ministrada em 1934, antes de sua viagem aos EUA,⁸³ Paschero parte de uma revisão das propriedades do elemento químico correspondente (fósforo), de seu papel bioquímico e fisiológico no organismo humano, assim como de sua toxicologia. Quanto às suas indicações homeopáticas, Paschero descreve minuciosamente os efeitos desse medicamento nos diversos órgãos e sistemas do organismo, sem mencionar qualquer ação na esfera psíquica. Já em 1935, após retornar dos EUA, Paschero publica um estudo sobre dois casos clínicos tratados com o medicamento homeopático *Sepia*,⁸⁴ dessa vez, a ênfase não mais recai sobre os aspectos bioquímicos, fisiológicos e farmacológicos do medicamento, mas sobre a compreensão retrospectiva da história de vida dos pacientes,⁸⁵ em que aspectos psicodinâmicos sinalizam os pontos centrais do diagnóstico, tratamento e acompanhamento dos casos.

Contudo, Paschero não se detém na incorporação das ideias kentianas e na mera supervalorização da psique no processo de adoecer, numa espécie de equação algébrica de sintomas, ele procura, ainda, aprofundar a elucidação da

⁸² Grimmer, “Prescripción homeopática”, 58-9.

⁸³ Paschero, “Phosphorus”.

⁸⁴ Paschero, “Casos de Sepia”.

⁸⁵ Paschero introduz o conceito de “história biopatográfica”, cujo objetivo é identificar padrões repetitivos de manifestações da fragilidade emocional do indivíduo os quais determinam sua singularidade individual. Paschero, *Homeopatía*, 227.

própria gênese da existência humana. Para tanto, serve-se das ferramentas acessíveis em função de seu particular contexto sócio-histórico e científico, as da psicanálise.

Homeopatas e psicanalistas

A história da introdução da psicanálise na Argentina começa pouco tempo depois de Paschero ter voltado dos EUA. Leituras dos textos de Freud já vinham sendo realizadas por um grupo de interessados pelo tema, dentre eles, Arnaldo Rascovsky (1907-1995), que dirigia o serviço de neuropsiquiatria e endocrinologia do Hospital de Niños. Nesse contexto, Rascovsky passa a se questionar “a respeito da relação entre os conflitos familiares e a patologia endócrina na obesidade e em certas formas de epilepsia”.⁸⁶ Seu interesse por esta área o aproximou de Enrique Pichon Rivière (1907-1977) e de sua mulher, Arminda Aberastury (1910-1972), estudiosos da temática, e, juntos, começaram a se dedicar aos textos freudianos.

Um dos companheiros de prática clínica de Rascovsky no Hospital de Niños era o reputado e revolucionário pediatra Florencio Escardó (1904-1992).⁸⁷ Cabe

⁸⁶ Rascovsky, “Fragmentos históricos”, 33.

⁸⁷ Como vice-reitor da Universidade de Buenos Aires, tornou mistos os tradicionais colégios Buenos Aires e Carlos Pellegrini. Enquanto ocupou a cadeira de pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires (FM-UBA), inaugurou uma seção de psicologia, um espaço para terapia de grupos, e estabeleceu o programa de residência em psicologia clínica. Valorizava também a abordagem dos aspectos sociais dos pacientes e suas famílias, o que incluía um estágio de prática assistencial em comunidades carentes. Foi também ele quem implantou a revolucionária “internação conjunta”: toda criança internada devia ser admitida junto da mãe, considerando que a manutenção do vínculo afetivo influía positivamente na recuperação. Além de alertar contra as vacinas, fazia

lembrar que Escardó era amigo de Paschero, a quem, mais tarde, abriria as portas do hospital para que ministrasse seminários de homeopatia. Desse modo, torna-se possível compreender a maneira como o grupo que havia se nucleado em torno de Bonicel passou a se ligar ao núcleo fundador da psicanálise na Argentina. Escardó convida Paschero para apresentar um curso de homeopatia na Sala XVII do Hospital de Niños, onde funcionava a cadeira de Pediatria chefiada por ele. Escardó, na verdade, queria apresentar ali o conhecimento homeopático, como já fizera com outras áreas da saúde ausentes do ensino médico convencional.⁸⁸ Assim, abriu espaço para que Paschero propagasse a homeopatia na universidade.

As relações de Paschero com a psicanálise foram mediadas por Escardó. Rascovsky, por sua vez, avançava nos seus estudos psicanalíticos e logo se reuniria aos primeiros psicanalistas argentinos recém-chegados da Europa, onde haviam realizado sua formação em psicanálise. Angel Garma (1903-1993) e Celes Ernesto Cárcamo (1903-1990) foram, de fato, os responsáveis pela introdução da psicanálise na Argentina e também pela fundação da Associação Psicanalítica Argentina (APA) em 1942.⁸⁹ Essa trama de relações inclui os demais membros fundadores da APA,

questão de abrir espaço para as diversas abordagens terapêuticas, como a hipnologia e a homeopatia; vide Puga, “Florencio Escardó”; Escardó, “Peligro vacunal”.

⁸⁸ Escardó, ao apresentar a palestra proferida por Paschero, argumenta que a faculdade de medicina deveria ser um campo aberto para todas as práticas médicas. Tomando como exemplo o caso da hipnologia, que já havia sido ensinada na Sala XVII, afirma que também a homeopatia deveria ser ensinada na universidade. Bastante prudente, ele faz a observação de que esse processo deveria se dar de forma gradual por conta “das razões já conhecidas” e que, dessa forma, “podia assegurar que mais adiante se realizaria um curso de caráter mais formal”. Escardó se refere às objeções que o ensino tradicional apresentava em relação à homeopatia que não era ensinada nas universidades públicas. Paschero, *Homeopatía*, 214.

⁸⁹ Cárcamo e Garma retornam da Europa, e a notícia deque havia psicanalistas em Buenos Aires com formação feita na Europa rapidamente circula. Logo Rascovsky inicia sua análise com Garma. Era o passo inicial para que se fundasse a Associação Psicanalítica Argentina, em 15/12/1942, com as assinaturas de, além de Cárcamo e Garma, Rascovsky, Pichon Rivière, Marie Langer (1910-1987)

Arminda Aberastury e seu irmão, Federico (1905-1986). Tanto este último quanto Cárcamo estreitaram suas amizades com Paschero que, assim, encontrou o substrato para dar continuidade aos seus estudos sobre a gênese dos sintomas mentais. Desse modo, os três tiveram papel fundamental no desenvolvimento de um pensamento homeopático que, em tempo, iria tentar a supremacia dentro da AMHA.

O transcendentalismo de Paschero

A proposta inovadora de Paschero pode ser sintetizada num único conceito, a “lei de cura”, definida como a trajetória eferente da energia vital. À primeira vista, pode parecer uma simplificação excessiva, para não dizer obscura. No entanto, um psicanalista facilmente identificará aí a tese básica de Sigmund Freud (1856-1939), formulada no desenvolvimento de seu *Projeto de Psicologia*, que marca a transição de sua fase neurológica para a psicanalítica. Por outro lado, um homeopata perceberá, imediatamente, a raiz kentiana da homeopatia de Paschero.

O ponto de partida para compreendermos a elaboração peculiar feita por Paschero é a noção de “energia vital”. Inicialmente, Paschero parece adotar o conceito emanacionista kentiano, pois afirma que há uma única energia universal, suscetível de diversos graus de condensação, com os correspondentes planos de ação, em função dos quais lhe são atribuídos diversos nomes: no plano consciente,

e Guillermo Ferrari Hardoy. O grupo, além de fundar a instituição que, inicialmente sem endereço, funcionava na residência de Cárcamo, passa a editar a *Revista de Psicanálise*.

inteligência, psique ou fonte do ego pessoal; no plano inconsciente, instinto; e no plano orgânico, energia vegetativa que controla o soma.⁹⁰ Fazendo uma síntese *sui generis* da tradição neoplatônica com a moderna visão sobre a interconversão da matéria e da energia, Paschero afirma que a matéria é apenas uma manifestação da energia, numa ordem sucessiva de graus de “sutileza” de condensação:

“A mente representa uma primeira condensação, extremamente sutil, da energia cósmica e através dessa limitação determina a formação de um indivíduo, isto é, uma personalidade, cujo primeiro substrato é a mente, é nela que reside o ego pessoal, a consciência, que dirige a formação do corpo que, por sua vez, é o resultado de um longo processo.”⁹¹

Similar à ideia freudiana, segundo Paschero, a energia vital percorre uma trajetória eferente ou excêntrica, ou “do centro para a periferia, da mente para os órgãos corporais, dos órgãos mais vitais para os menos, de cima para abaixo (da cabeça para os pés)” como prescrevera Kent.⁹² A descarga eferente de toda atividade energética do organismo é o que Paschero nomeia “lei de cura”, sendo único o processo vital que subjaz em ambas, saúde e doença.⁹³

A trajetória saudável (excêntrica) da força vital permite que se cumpram os “elevados fins da existência” hahnemannianos, reconfigurados por Paschero como “processo de amadurecimento da personalidade”.⁹⁴ Conforme explana Paschero:

⁹⁰ Paschero, *Homeopatía*, 6.

⁹¹ *Ibid.*, 189.

⁹² *Ibid.*, 2.

⁹³ *Ibid.*, 13.

⁹⁴ *Ibid.*, 2.

“A função essencial do organismo é descarregar sua energia. No plano psíquico, através da prospecção do ego, da necessidade de expressão, de expansão, de se projetar e no plano orgânico, através da tendência a exonerar os produtos metabólicos.”⁹⁵

Ao contrário, o bloqueio (inibição, supressão ou recalque) da descarga eferente da energia vital é a causa primigênia da doença:

“[...] é a atitude básica geradora de um estado de ânimo que fundamenta todo desequilíbrio patológico, devido ao esquecimento de que o ser humano não é uma entidade fechada, mas uma relação com algo fora de si mesmo.”⁹⁶

Retomando temas do transcendentalismo norte-americano, Paschero sustenta que “o ser humano não é um animal irracional nem uma máquina biológica, mas um valor, uma possibilidade de realização subjetiva na direção que o vincula com o cosmos e lhe confere significação transcendental”⁹⁷ e ainda que:

“O ser humano tem uma função a desempenhar na ordem universal. Não é um ser autônomo, mas dependente de um ego espiritual transcendente. Desenvolve uma consciência moral que o vincula com seu próximo e com a essência de todas as coisas. É capaz de alcançar a liberdade: unificar sua própria consciência e realizar em si mesmo a unidade essencial com o Todo.”⁹⁸

⁹⁵ Paschero, *Homeopatía*, 50.

⁹⁶ *Ibid.*, 14;16.

⁹⁷ *Ibid.*, 7.

⁹⁸ *Ibid.*, 36.

A direção normal, saudável, da lei de cura é representada pela:

“[...] tendência imanente de seguir a lei de Deus, a lei natural da vida e o pensamento que impele o ser humano a viver para e pelo Todo, em unidade inteligente com o Ser que transcende a criação cósmica e que o impele a destinar seus impulsos vitais para o nosso bem, indo do egocentrismo autista ao supremo interesse altruísta da comunidade.”⁹⁹

Esse processo de amadurecimento pessoal está sob o governo da lei de cura, que regula constantemente a adaptação ao meio e o equilíbrio orgânico. Desse modo a energia mórbida é descarregada, no plano psíquico, através da emoção, esta entendida por Paschero em termos de “mover para fora”, exonerar o afeto que, impedido de descarregar sua energia, torna-se perturbação vegetativa somática, isto é, neurose.¹⁰⁰ Já no plano orgânico, a energia mórbida é representada pela excreção dos produtos metabólicos através dos emunctórios naturais.¹⁰¹

Sendo o ser humano essencialmente uma psique,¹⁰² tal como prescrevia Kent, Paschero encontra na psicanálise a melhor explicação de sua estrutura e dinâmica.¹⁰³ Apela, então, para os clássicos esquemas topológico e estrutural da psique, os quais valem a pena revisar brevemente.

⁹⁹ Paschero, *Homeopatía*, 14.

¹⁰⁰ *Ibid.*, 38.

¹⁰¹ *Ibid.*, 37.

¹⁰² *Ibid.*, 6.

¹⁰³ *Ibid.*, 61-2.

Enquanto o ego representa o polo defensivo da personalidade e se submete às exigências da realidade representadas pelo superego,¹⁰⁴ este, por sua vez, através de seu papel de juiz ou censor, constrói uma forte consciência moral. A censura imposta pelo superego impede a tomada de consciência e as realizações dos desejos presentes no id, que, afinal, se constitui em um grande reservatório de impulsos inconscientes (instintos, pulsões).¹⁰⁵ Assim, o ego tem que intermediar as demandas do id para satisfação de seus desejos e as exigências impostas pela realidade, incorporadas pelo superego.¹⁰⁶

Noutras palavras, o ego é puxado por duas forças antagônicas: pela energia das pulsões e por aquela das interdições assimiladas pelo indivíduo. Nessa situação, de acordo com Paschero, as soluções possíveis são apenas duas: a primeira se dá pelo recalque não supressivo das pulsões (“recalque humanizador”), através do mecanismo de sublimação, que canaliza a energia ligada às pulsões egoístas para o conhecimento e a realização pessoal, no sentido do amadurecimento da personalidade. A outra envolve a supressão por coerção punitiva e, nesse caso, a frustração afetiva não consegue ser metabolizada, mas se torna neurose, o que é definido por Freud como “o fracasso do recalque”.¹⁰⁷

Uma segunda frente de conflito se acrescenta à primeira esfera de conflito interior, a saber, a adaptação ao meio exterior real. Este é, segundo Paschero, a

¹⁰⁴ Laplanche, & Pontalis, *Dicionário de Psicanálise*, 643.

¹⁰⁵ *Ibid.*, 171; 286; 643.

¹⁰⁶ *Ibid.*, 171.

¹⁰⁷ Paschero, *Homeopatía*, 38.

fonte genuína da formação de sintomas, que nada mais são que soluções de compromisso, para as quais o ego lança mão dos clássicos mecanismos de defesa. Em síntese, a doença é “transgressão do sentido da lei de cura que preside o desenvolvimento da personalidade”.¹⁰⁸ Nesse sentido, entende-se que:

“Quando a energia vital é perturbada em seu plano coordenador devido a alterações na adaptação individual ao meio, se produz uma falsa sinergia funcional, que altera o equilíbrio econômico da energia vital e determina o estado de doença. A localização nos órgãos é uma fase posterior.”¹⁰⁹

Assim sendo, o *desideratum* da medicina é compreender as motivações inconscientes da personalidade,¹¹⁰ uma vez que o médico

“[...] só cura quando chega à desordem espiritual do doente e consegue restaurá-la a partir desse ponto oculto onde se geram os fenômenos biológicos e se estabelece o equilíbrio dinâmico da totalidade psico-orgânica.”¹¹¹

Lembrando mais uma vez que

“[...] a doença não diz respeito apenas ao componente biológico, mas ao ser humano como um todo. A totalidade humana está fundamentada no psíquico, portanto, é na

¹⁰⁸ Paschero, *Homeopatía*, 1.

¹⁰⁹ *Ibid.*, 60-1.

¹¹⁰ *Ibid.*, 2.

¹¹¹ *Ibid.*, 6.

personalidade onde se encontram os elementos autênticos para o diagnóstico.”¹¹²

Todo sintoma, como manifestação reativa do conflito entre o indivíduo e seu meio, como esforço para se libertar da angústia produzida pelo conflito pessoal, tem um sentido.¹¹³ Os sintomas devem ser compreendidos em sua genealogia, ou seja, no seu sentido relativo à biopatografia do doente e à sua atitude vital perante as circunstâncias,¹¹⁴ ou ainda, através da compreensão do comportamento, da conduta e das manifestações patológicas ao longo da vida particular e inédita de cada sujeito.¹¹⁵

“Acima da patologia, a anamnese homeopática deve diagnosticar claramente o sujeito do doente, com seu temperamento, caráter, estado do ânimo e predisposições constitucionais, através do conhecimento exaustivo de sua biografia, sua vida de relação atual e seu comportamento psíquico e biológico.”¹¹⁶

No sentido mais geral, o que se busca, em última instância, é desbloquear a trajetória eferente da energia vital e, assim, restaurar o funcionamento normal da lei de cura. De acordo com Paschero, essa operação, só o medicamento homeopático é capaz de realizar¹¹⁷, pois

¹¹² Paschero, *Homeopatía*, 1.

¹¹³ *Ibid.*, 56.

¹¹⁴ *Ibid.*, 71.

¹¹⁵ *Ibid.*, 39.

¹¹⁶ *Ibid.*, 43.

¹¹⁷ *Ibid.*, 37.

“[...] o medicamento homeopático desbloqueia os conteúdos inconscientes recalçados e restaura a lei de cura, isto é, a catexia saudável das emoções/metabolização adequada das experiências emocionais, sempre no sentido eferente.”¹¹⁸

Toda essa concepção defendida por Paschero, como se viu, teve forte influência do transcendentalismo swedenborguiano. Entretanto, a apropriação feita de conceitos oriundos da psicanálise se deu de acordo com a dinâmica já descrita acima, que promovia uma concepção de homeopatia interpretada à luz da psicanálise e que tentou ser a visão hegemônica dentro da AMHA.

Psicanálise e homeopatia

Todas essas ideias de Paschero foram sendo elaboradas a partir da década de 1940 depois de sua viagem aos EUA e enquanto participava ativamente da rede de ligação com a incipiente, embora profícua, psicanálise argentina. Esse viés particular do interesse de Paschero fez com que essa área do saber ganhasse espaço dentro da AMHA, uma instituição dedicada à medicina homeopática, e favoreceu o desenvolvimento no seu seio de tal instituição de uma articulação particular entre psicologia, psicanálise e homeopatia, cristalizada no projeto denominado “Homeopatia Psicossomática”.

¹¹⁸ Paschero, *Homeopatía*, 38.

Este projeto era capitaneado por Aberastury (1905-1986), que propunha tanto a psicologia quanto a psicanálise como fontes de instrumentalização dos conceitos homeopáticos. Em suas próprias palavras:

“[...] em um sentido mais amplo, a evolução da homeopatia deverá vincular-se intimamente ao progresso da ciência psicológica. Toda distância entre ambos os conhecimentos constituirá um contrassenso doutrinário e a eliminação [dessa distância] trará como consequência um grau mais alto de desenvolvimento na teoria e prática da homeopatia.”¹¹⁹

Além disso, suas interpretações psicológicas dos textos hahnemannianos apontavam a psicologia como o melhor caminho para a aplicação da homeopatia. Dessa maneira, seu projeto se constituía de cinco itens. Dentre eles, quatro estavam baseados em conceitos homeopáticos fundamentais, já o quinto dizia respeito à expressão psicobiológica do paciente. Assim:

“(i) a análise da teoria da psora em função do conceito genético estrutural do aparelho psíquico, (ii) utilização dos métodos de psicodiagnóstico na compreensão e determinação dos sintomas mentais, (iii) valorização da terapêutica homeopática em função da causalidade psicossomática, (iv) revisão analítica e renovação das patogenesias experimentais com o auxílio dos conhecimentos e técnicas psicológicas e (v) o problema da expressão psicobiológica em homeopatia.”¹²⁰

Enquanto Aberastury promovia publicamente seu projeto; de forma mais discreta, Cárcamo participava nas atividades de AMHA, concluindo o curso de

¹¹⁹ Aberastury, “Síntomas mentales”, 210.

¹²⁰ Aberastury, “Homeopatía y psicología”, 145.

especialização em homeopatia em 1949. Cárcamo também iria interpretar os conceitos homeopáticos, mais especificamente os kentianos, à luz das ideias psicanalíticas. Numa palestra ministrada em 04/08/1945 a convite da AMHA, intitulada “Estado atual da psicanálise”, ele aponta possíveis vinculações entre esta disciplina e a homeopatia, assim justificando:

“Em honra da verdade, devemos recordar que Hahnemann foi, talvez, um dos primeiros contemporâneos a reconhecer esta noção tradicional sobre a culpa e a utilizá-la como base de seu sistema patogênico e terapêutico. Assim o fez ao estabelecer seu conceito sobre a psora, que define como a desordem primordial da economia interior da raça humana e a institui como causa primordial de toda perturbação física. Kent sugere que a psora se vincularia ao pecado original e que sobre ele descansa toda a patologia e lembra o conceito de Hahnemann de buscar na vida desordenada no plano mental do enfermos os sinais expressivos ou premonitórios da alteração somática.”¹²¹

O fato de que Cárcamo se equivoque e atribua a Hahnemann noções elaboradas por Kent representa mais uma evidência do tipo de homeopatia que Paschero estava difundindo na AMHA, uma homeopatia bastante afinada às noções psicanalíticas. Assim, a articulação entre homeopatia e psicanálise fez com que a homeopatia ressaltasse como uma prática médica centrada no ser humano, não na doença. Vale lembrar que a homeopatia, por não ser “oficial”, não estava incluída nos serviços médicos públicos, configurando-se um fenômeno de consultório

¹²¹ Cárcamo, “Estado del psicoanálisis”, 222-3.

particular (assim como a psicanálise) e, por conseguinte, um componente da cultura da classe média, que experimentava uma maciça expansão durante este período.¹²²

Como veremos no capítulo seguinte, na década de 1950, tanto Aberastury quanto Cárcamo não estão mais presentes nas atividades da Associação. No entanto, se, por um lado, pode-se dizer que o projeto proposto por Aberastury não avançou dentro da AMHA – de fato, na análise de documentos, não foram encontrados textos em que Paschero persistisse na defesa da ideia de Aberastury de que a homeopatia só avançaria se atrelada aos conceitos da psicossomática –, por outro, não se pode dizer o mesmo a propósito das ideias de Cárcamo. Sinal disso são os estudos em psicanálise paralelos e semanais de Paschero com Cárcamo e a ênfase dada por Paschero à psicanálise como fonte para a formatação de suas ideias.

Nesse contexto, a teoria proposta por Paschero, com a forte influência da psicanálise, foi construída e ganhando adeptos dentro da AMHA. Isso ocorreu concomitantemente à expansão da psicanálise argentina, que vivia seu período de institucionalização. Apesar de incorporar conceitos psicanalíticos para a compreensão da doença e da saúde, Paschero se diferencia ao afirmar que apenas a homeopatia poderia promover a cura, visto que, para ele, a enfermidade genuína do ser humano não era meramente psicológica, mas energética.

¹²² Cf. Adamovsky, *Clase media*.

A influência desses conceitos se evidencia quando Paschero define os sintomas homeopáticos. Em sua teoria, eles são uma expressão do paciente como unidade cosmo-socio-psico-biológica. Isso o leva a avançar numa compreensão de enfermidade adequada aos conceitos psicanalíticos e a afirmar que o ser humano “padece de um conflito de inadaptação ao meio cosmo-social em que vive e expressa tal conflito na multiforme linguagem dos órgãos”¹²³.

Nesse ponto, Paschero distancia-se da concepção kentiana de enfermidade. Enquanto Kent confere ao pecado original a gênese da doença, Paschero defende que o ser humano adoece pela sua relação com o meio em que vive. Porém, Paschero não abre mão do teor religioso e explica que, no processo curativo, o ser humano se “religa” ao Todo, tornando-se altruísta, aproximando-se e adaptando-se ao seu meio social. Assim, o moralismo presente na teoria kentiana pode ser visto, mesmo que diferenciado, no pensamento de Paschero, uma vez que tal processo curativo inclui a adaptação ao meio e a sua aceitação, sendo indicativo de cura o comportamento altruísta.

Sintetizando, Paschero incorporou conceitos de múltiplas fontes – swedenborguismo, religiosidade, psicologia, psicanálise – à sua compreensão da teoria e da prática homeopáticas. Noções tradicionais da homeopatia como a da energia vital e a do princípio de similaridade terapêutica foram reinterpretadas à luz dessas influências, sobretudo, da psicanálise.

¹²³ Paschero, *Homeopatía*, 60.

Certamente, o convívio com Aberastury e Cárcamo na AMHA foi primordial na formação dessas ideias. Suas teorias, dentro da AMHA, no entanto, não alcançariam unanimidade. Apesar de o pensamento de Paschero se consolidar e conquistar bastantes adeptos, havia um grupo que se mantinha fiel aos preceitos clássicos da homeopatia e não aceitava o que era proposto por Paschero. Vale lembrar que a defesa de suas ideias deu origem a acirrados debates dentro da Associação especialmente no contexto do ensino da homeopatia. Essa antinomia será objeto do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

A TEORIA DE PASCHERO E A PLURALIDADE HOMEOPÁTICA

ARGENTINA

Uma pessoa jurídica sui generis

A fundação formal da SMHA, em 29 de julho de 1933, e a criação da revista *Homeopatía*, no ano seguinte, possibilitaram que o grupo inicialmente nucleado em torno a Bonicel encontrasse um caminho para alcançar seus objetivos de divulgar a doutrina homeopática.¹²⁴

O sucesso da proposta seria espetacular, sinal disso é que ela chamou tão imediatamente a atenção da classe médica que, em 1934, foi decidida a inauguração de ambulatórios abertos para o “ensino e a prática de jovens médicos homeopatas”.¹²⁵ Em função das demandas crescentes por suporte “para [dar] os primeiros passos, guia e orientação”,¹²⁶ em 17 e 24 de setembro e 1º de outubro de 1935 foi realizado o “Primeiro Curso de Introdução ao Estudo da Homeopatia”,

¹²⁴ Semich, “Nuestros propósitos”, 2.

¹²⁵ *Homeopatía*, nº 8 (1934) 1.

¹²⁶ Semich, “Primer curso”, 202.

ministrado por Grosso, com o “objetivo primordial de explicar de forma simples e elementar os fundamentos doutrinários e clínicos da homeopatia”.¹²⁷

De acordo com a documentação existente, essa foi a primeira implantação de uma proposta de ensino formal da homeopatia no país. A SMHA assumiu a tarefa de ministrar um curso de pós-graduação e de emitir o título de especialista em homeopatia. Para a parte prática do curso, a SMHA propôs-se a viabilizar ambulatórios e hospitais médicos homeopáticos tanto na capital quanto no interior,¹²⁸ e as decisões relativas às taxas a serem pagas pelos pacientes seriam determinadas pela comissão diretora da associação, conforme o artigo 17º de seus estatutos. Entretanto, para realizar essa proposta, a Sociedade deveria adquirir o *status* de pessoa jurídica. Porém, esse processo não seria nada fácil e só seria resolvido em quatro anos, além de levar a uma situação *sui generis*, como veremos.

A solicitação do estatuto de pessoa jurídica foi apresentada em 1936 ao Ministério de Justiça, que então solicitou o parecer do Departamento Nacional de Higiene (DNH). O resultado foi negativo, com base na suposta falta de ação dos medicamentos homeopáticos, por serem altamente diluídos.¹²⁹ Conseqüentemente, o DNH indicou que se suspendesse a criação dos dispensários e que não fossem comercializados os medicamentos.¹³⁰ Uma vez que esses eram os aspectos regulamentados pelo artigo 17º dos estatutos, a AMHA reagiu imediatamente,

¹²⁷ *Homeopatía*, nº 09-10 (1935) 249.

¹²⁸ SMHA, Ata de Diretoria nº 1, 24/03/1936, f. 2.

¹²⁹ Convém lembrar que o número de Avogadro ($6,02 \times 10^{23}$) é ultrapassado pelas diluições homeopáticas 24x e 12cH (10^{-24}).

¹³⁰ Semich, “Tramitación”, 266; 272.

convocando uma assembleia em 06/06/1938, que suprimiu esse artigo por unanimidade.¹³¹

No entanto, a situação estava longe de ser resolvida. Contribuiu para isso o parecer extremamente negativo da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, que enquadrava a homeopatia dentro da categoria de charlatanismo e curandeirismo, porquanto não constava do currículo de estudos, como prescrito pela lei:

“[...] Como os poderes públicos só podem reconhecer o ensino oficial ditado pelas faculdades do país, tudo que é feito à margem do ensino é ilegal, principalmente as práticas que lidam com o charlatanismo e o curandeirismo, as quais as autoridades sanitárias devem combater com toda decisão em benefício dos pacientes e da seriedade da profissão que juramos respeitar a salvaguardar [...] o que a Faculdade de Medicina de Buenos Aires ensina é o *summum* da ciência médica: não pode ser melhorado nem ultrapassado. Nossa faculdade é dogmática. O que se pretende curar com algo que ela não tenha ensinado mera condenação e cárcere por meio da força pública.”¹³²

No entanto, a Academia Nacional de Medicina entendeu a questão de maneira oposta, e seu parecer, de 6 de junho de 1939, solicitado pelo Ministério de Justiça e Instrução Pública, foi decisivo para o fim da polêmica: “Esta academia

¹³¹ SMHA, Ata de Diretoria nº 2, 06/06/1938, f. 18.

¹³² Parecer transcrito em Semich, “Departamento Nacional de Higiene”, 258-9.

pensa que os médicos diplomados em universidades nacionais não podem ser proibidos de sua aplicação [da homeopatia]”.¹³³

Desse modo, o DNH finalmente emitiu parecer favorável, e o estatuto de pessoa jurídica foi outorgado em 15 de novembro de 1940, através de um decreto presidencial. Porém, por exigência do DNH, foi necessária uma adequação estatutária. Além do já suprimido artigo 17º dos estatutos, também deveria ser eliminada a categoria de sócios adjuntos, a qual incluía membros de todas as profissões da saúde. Com esta decisão, a partir da obtenção da pessoa jurídica, a AMHA somente poderia ser constituída por médicos.¹³⁴

Assim foi estabelecida a Asociación Médica Homeopática Argentina (AMHA), que daria continuidade ao trabalho até então realizado pela SMHA. E junto dela, também uma situação jurídica única no mundo. A homeopatia não é reconhecida até o presente como uma especialidade médica formal,¹³⁵ apesar de poder ser exercida apenas por médicos graduados em universidades nacionais. Esse estatuto *sui generis*, baseado na opinião da Academia de Medicina mencionada acima, foi formalizado com base num segundo parecer, solicitado em 1970 pela Secretaría de Estado de Salud Pública à Sociedad de Medicina Legal y Toxicología. De acordo com este, a legislação vigente estabelece que todo médico universitário e habilitado pelo Estado é livre para anunciar, prescrever, indicar ou aplicar qualquer

¹³³ Semich, “Tramitación”, 293.

¹³⁴ Por sócios adjuntos entendem-se todos os profissionais de áreas afins à medicina graduados em universidades nacionais, vide AMHA, Ata de Diretoria 01, 24/03/1936, f. 3.

¹³⁵ Não é ensinada em cursos universitários, não está integrada ao sistema nacional de saúde, o Ministério de Saúde não certifica o título de especialista, e as consultas homeopáticas não são reembolsadas pelos seguros médicos.

procedimento direto ou indireto de uso no diagnóstico, prognóstico e/ou tratamento das doenças das pessoas ou na recuperação, conservação e preservação da saúde das mesmas. Assim sendo, considerando que a medicação homeopática é efetiva e tem sido provada de forma indubitável nas experimentações farmacológicas homeopáticas, que trabalhos são apresentados em eventos e sociedades científicas e que a homeopatia é reconhecida mundialmente, entende-se que a proibição do exercício da homeopatia a médicos diplomados é anticonstitucional.¹³⁶

Voltando à AMHA, já de posse do estatuto de pessoa jurídica, ela pôde, enfim, promover cursos de especialização para graduados. Isso seria, paradoxalmente, o estopim para que divergências internas começassem a transparecer, refletindo duas linhas teóricas diferentes. Uma delas privilegiava os aspectos clínicos na condução do tratamento, como era tradicional, enquanto a outra, seguindo Paschero, baseava-se na análise da personalidade e dos sintomas da esfera psíquica dos pacientes. Esta diferença fica evidente nas propostas que foram feitas na grade curricular do curso de pós-graduação.

Os cursos de pós-graduação

O peso relativo do projeto pascheriano na visão e no ensino da homeopatia se evidenciaria numa série de discussões ocorridas na Diretoria da AMHA, no

¹³⁶ Parecer transcrito em Walzer Vijnovsky, 527-45.

período da presidência de Paschero, tal como transparecem nas Atas de Reunião. O projeto de Aberastury ganhava espaço no ensino da homeopatia na AMHA.

Em 1946, a Diretoria decidiu dividir o curso de formação de homeopatas em dois módulos, um considerado básico, a ser ministrado por Alfonso Masi Elizalde (1932-2003), Paschero, Semich e Jacobo Gringauz, e outro, sequencial, “mais amplo e complementar”, que ficaria sob a responsabilidade de Jonas, Grosso, Aberastury e Eduardo Blanco. Aberastury e Blanco foram expressamente nomeados para ministrar aulas de psicologia médica e sua relação com a homeopatia.¹³⁷ Os pascherianos eram, além de Paschero, Masi Elizalde, Aberastury e Blanco, enquanto entre os tradicionalistas encontravam-se Gringauz, Jonas, Grosso e Semich. Assim, tudo indicava que as duas linhas de compreensão da homeopatia estavam igualmente divididas.

Entretanto, o ensino dessas áreas de conhecimento encontrava resistência na associação e logo este aparente equilíbrio revelou-se frágil, porque no ano seguinte, “depois de uma ampla discussão”, a Diretoria resolve

“[...] que o programa do curso abarcará três temas: 1) Doutrina, 2) Matéria Médica, e 3) Técnica Homeopática; serão evitadas todas as discussões não condizentes com esses temas e se ajustarão às normas da prática ortodoxa da homeopatia.”¹³⁸

¹³⁷ AMHA, Ata de Diretoria 51, 05/06/1946, f. 49.

¹³⁸ AMHA, Ata de Diretoria 58, 10/04/1947, ff. 51-2.

Ou seja, o ensino de psicologia e psicanálise foi claramente excluído como parte integral da formação em homeopatia. A homeopatia tradicional ortodoxa seria a espinha dorsal do curso. Contudo, tampouco essa decisão seria a definitiva, pois no mês seguinte, uma nova reunião da Diretoria resolve nomear três professores – Paschero, Juan A. Tabanera e Gringauz – para ministrarem três cursos independentes, cujo conteúdo seria determinado por cada professor:

“Este curso, como nos anos anteriores, será exclusivamente para graduados. Se distinguirá pelo fato de que cada professor desenvolverá individualmente um curso completo, e os alunos poderão optar por cada um dos três cursos paralelos programados.”¹³⁹

A análise das Atas de Reunião mostra, assim, que o grupo liderado por Paschero e Aberastury aspirava a representar a posição oficial da AMHA quanto à teoria, à prática e ao ensino da homeopatia. Porém, os tradicionalistas resistiam francamente à inserção das áreas de conhecimento da psicossomática e da psicologia no ensino da homeopatia; isso sinalizava uma fratura que, no entanto, ainda parecia contornável dentro da estrutura institucional.

Ainda não seria desta vez que o ensino da homeopatia na AMHA iria encontrar uma solução satisfatória e, em 1948, foi criado o Centro de Investigações de Terapêutica Homeopática (CITH) com a finalidade de promover estudos experimentais de medicamentos homeopáticos e administrar o atendimento ambulatorial. Uma vez que o treinamento prático em homeopatia seria realizado

¹³⁹ AMHA, Ata de Diretoria 59, 07/05/1947, f. 52.

nesses ambulatórios, em última instância, o CITH ficaria encarregado do ensino. Essa intenção pedagógica é evidente, pois a Diretoria da AMHA dedica atenção especial à nomeação dos professores:

“[...] a escola será formada por um corpo estável de professores, que serão escolhidos uma primeira e única vez por concurso em relação aos seus antecedentes e títulos profissionais e atuando como jurados nestas circunstâncias estarão a Comissão Diretora da AMHA e o Conselho Diretor do CITH. Os candidatos serão também submetidos a provas teórico-práticas eliminatórias, constando de uma aula magistral com estudos de casos clínicos.”¹⁴⁰

Desse modo, procurava-se manter a coexistência das duas abordagens em conflito, porquanto a nomeação dos professores requeria o consenso das autoridades de ambos, AMHA e CITH. Visto que a diretoria desta última deveria ser designada pela primeira,¹⁴¹ era fácil alcançar a unanimidade desejada nesta decisão estivesse a AMHA sendo dirigida por pascherianos ou tradicionalistas. No entanto, embora a tensão interna fosse assim dirimida, o projeto de Paschero permanecia bloqueado. Por isso, ele empenhou-se em outras estratégias, visando expandir suas ideias para além das paredes da Associação. Na década de 1960 surgiu uma oportunidade única: ministrar um curso de divulgação sobre homeopatia na Faculdade de Medicina de Buenos Aires. Esta seria a primeira vez que um homeopata adentraria a Faculdade de Medicina para apresentar uma palestra sobre homeopatia.

¹⁴⁰ AMHA, Ata de Diretoria 66, 18/03/1948, f. 58.

¹⁴¹ Ibid., f.60.

A homeopatia na universidade

Como introduzido anteriormente, o reputado pediatra Florencio Escardó abriu as portas da universidade para Paschero, ao convidá-lo, em 1965,¹⁴² para ministrar um curso de homeopatia na sala XVII do Hospital de Niños, onde funcionava a cadeira de pediatria chefiada por ele. Paschero anuncia que estava assumindo “a responsabilidade de iniciar [...] [o] curso de homeopatia para pós-graduados” e informa que dirige a Associação Médica Homeopática Argentina, a qual [...] [tem] a honra de representar [...] [naquele] momento.”¹⁴³

Porém, na verdade, ele utilizaria esse palco para a promoção de suas próprias ideias. Assim, após abordar o princípio de similaridade terapêutica, ilustrado pelo tratamento da cólera com o medicamento homeopático *Veratrum album*, as diluições infinitesimais e a experimentação de medicamentos em seres humanos sadios – todos eles princípios universais da homeopatia –, ao discorrer sobre a noção de cura, afirma:

“[...] a cura não pode ser obtida através da solução de um problema local ou de um problema fisiopatológico isolado. A cura consiste na restauração de um equilíbrio psico-homeostático, que permite ao indivíduo comportar-se normalmente em sua vida de relação profissional e familiar, que coloque sua atitude vital-emocional adaptativa e criativa em condições adequadas para que possa, como disse

¹⁴² AMHA, Ata de Diretoria 291, 17/03/1965, f. 40.

¹⁴³ Paschero, *Homeopatía*, 214-5.

Hahnemann, cumprir com os altos fins de seu destino, amadurecendo psicologicamente.”¹⁴⁴

Apesar de a afirmativa de Paschero sugerir que essa aula representava a inauguração de um curso de homeopatia na Faculdade de Medicina, na verdade, isso não se confirma. A análise das Atas de Reunião da Diretoria da AMHA mostram, claramente, que se tratou apenas de uma aula para pediatras, ministrada por Paschero uma única vez.¹⁴⁵

Quanto ao curso de especialização propriamente dito, sua execução deparava-se com um obstáculo vultoso: a falta de permissão da Reitoria da Universidade de Buenos Aires.¹⁴⁶ Convém lembrar que a Reitoria indeferiu, inclusive, a proposta reapresentada por Francisco Xavier Eizayaga (1923-2001), que assumiu, em 1964, após a gestão de Paschero, a presidência da AMHA e, por conseguinte, também as negociações com Escardó. É importante ainda mencionar que a AMHA adota uma postura persistente ao decidir que a proposta do curso seria reapresentada anualmente à Faculdade de Medicina.¹⁴⁷

¹⁴⁴ Paschero, *Homeopatía*, 219.

¹⁴⁵ AMHA, Ata de Diretoria, 269, 13/05/1964, f. 5.

¹⁴⁶ Paschero afirma que Escardó assegurou que o curso de homeopatia na Faculdade de Medicina iria acontecer, mas que antes deveriam ser resolvidas as dificuldades geradas pela maneira como a homeopatia era vista pelos círculos oficiais, “decorrente das campanhas realizadas para combater e desprestigiar esta disciplina médica”, AMHA, Ata de Diretoria 291, 17/05/1965, f. 41. Em outro momento, Paschero informa que “o Dr. Escardó se manifestou dizendo que há muita resistência à realização deste curso, em particular por parte dos professores de Clínica Médica e pede que este assunto seja deixado em suas mãos”, AMHA, Ata de Diretoria 300, 17/11/1965, f. 56.

¹⁴⁷ AMHA, Ata de Diretoria 314, 01/06/1966, f. 91.

No entanto, a oposição à homeopatia não se restringia à Faculdade de Medicina que evitava promover o curso de tal disciplina. Ela também ficou evidenciada por ocasião da III Jornada Argentina de Homeopatia e IV Simpósio Latino-americano de Homeopatia, organizados pela AMHA em Buenos Aires, quando nenhuma das instituições médicas argentinas respondeu ao convite feito pela AMHA.¹⁴⁸

Em contrapartida, na mesma edição da revista *Homeopatía* em que é reproduzida a aula de Paschero no Hospital de Niños, Eizayaga publica um artigo sobre a ação e os limites da homeopatia.¹⁴⁹ Neste texto, ele demarcava os limites entre a homeopatia, a medicina convencional, a cirurgia e as diversas formas de psicanálise, ressaltando que o tratamento homeopático se baseava nos “sintomas mentais, gerais e locais do paciente, sobre todos eles, especialmente os mais característicos”.¹⁵⁰

Cabe, neste momento, uma breve apresentação de Eizayaga na AMHA. Ele havia cursado homeopatia na AMHA entre 1949 e 1950, ou seja, acompanhara, no seu curso de formação, a tensão entre tradicionalistas e pascherianos. Quando ingressou como professor adjunto em 1954 (e dez anos depois quando se torna professor titular) na AMHA, já tinha uma posição firmada quanto às linhas existentes na associação. Eizayaga não aderiu à teoria pascheriana, mas mantinha-se alinhado

¹⁴⁸ “[...] o silêncio com que se respondeu aos nossos convites à Secretaria de Saúde Pública, à Academia Nacional de Medicina, à Faculdade de Medicina de Buenos Aires, à Associação Médica Argentina e ao Conselho Nacional de Investigações foi demonstração eloquente dos preconceitos que imperam [...]”, Elizalde, “Simpósio e Jornada”, 201-3.

¹⁴⁹ Eizayaga, “Acción y limitaciones”, 69.

¹⁵⁰ *Ibid.*, 76.

à homeopatia kentiana. Assim, por exemplo, ao abordar a patologia psiquiátrica, defendia o tratamento homeopático “especialmente nos neuróticos, os que comumente melhoram espetacularmente e em pouco tempo, o que talvez a psicanálise não possa conseguir nem em muitos meses ou vários anos”.¹⁵¹

Essa explanação de Eizayaga ganha contornos mais nítidos quando lembra que a investigação do enfermo devia ser feita paralelamente ao estudo da matéria médica dos medicamentos homeopáticos. Além disso, alerta para o fato de os medicamentos homeopáticos se constituírem num vasto conhecimento de clínica médica e de patologia.¹⁵² Dessa forma, a aplicação da lei do semelhante deveria ser feita contrapondo-se a totalidade dos sintomas mais característicos de cada paciente individual ao conjunto dos sintomas igualmente típicos do medicamento.¹⁵³ Por esse motivo, o estudo cuidadoso dos *sintomas* era essencial para a decisão terapêutica.¹⁵⁴ Da mesma forma, Eizayaga defende uma classificação dos sintomas em que os constitucionais, característicos e clínicos são hierarquicamente distribuídos, possibilitando a eleição do medicamento a ser prescrito.¹⁵⁵ Essa organização dos sintomas se baseia no *Repertório* de Kent, o qual Eizayaga defende como uma ferramenta segura para o diagnóstico medicamentoso.¹⁵⁶

¹⁵¹ Eizayaga, “Acción y limitaciones”, 76.

¹⁵² Eizayaga, *Medicina homeopática*, 189.

¹⁵³ *Ibid.*, 193-4.

¹⁵⁴ *Ibid.*, 209-10. Grifo nosso para acentuar a oposição entre a ênfase dada aos sintomas característicos, no caso, por Eizayaga, e a ênfase dada à personalidade do paciente e aos sintomas mentais, pela corrente dirigida por Paschero.

¹⁵⁵ Eizayaga, *Medicina homeopática*, 210.

¹⁵⁶ *Ibid.*, 214-5. Repertórios, em homeopatia, são obras dedicadas a listar sintomas associados com os medicamentos que podem curá-los. Até o advento da informática, foram amplamente utilizados pelos homeopatas do século XX. Kent foi autor de um repertório bastante utilizado, em função de sua estrutura, organizada em seções anatômicas, com ordenamento alfabético dentro de cada seção. O

As discordâncias entre pascherianos e tradicionalistas existiam desde a década de 1940 como já foi visto. Eizayaga não foi o motor de qualquer resistência às ideias de Paschero, visto que estas já existiam deste antes da época em que cursou homeopatia na AMHA. Com esse texto apresentado por ele, as linhas tradicionalista e pascheriana, no entanto, ficaram ainda mais marcadas dentro da AMHA.

Assim, pode-se verificar que Eizayaga aderiu à homeopatia kentiana, sem avançar para o transcendentalismo, como fez Paschero. Vale destacar que essas duas concepções homeopáticas conviviam de maneira nada harmoniosa dentro da AMHA e, desse modo, a tensão dentro da instituição continuou a aumentar até o rompimento total na ocasião das eleições para a Diretoria, em 1970, que resultou na saída de Paschero e de seu grupo da Associação.

A renúncia de Paschero e de seu grupo

Nas eleições de 1970, os candidatos à presidência eram Eizayaga, Eugenio Candegabe (1924-...) e Shuji Murata (1930-1991), sendo os dois últimos pertencentes ao grupo de Paschero. A questão que permanece sem resposta é por que o grupo de Paschero apresentou dois candidatos, o que, naturalmente, levaria a

repertório de Kent foi traduzido ao espanhol por Eizayaga em 1979, sendo o único repertório disponível em território ibero-americano até 1995, quando o brasileiro Ariovaldo Ribeiro Filho publicou o *Repertório de Homeopatia*.

uma divisão dos votos diminuindo a chance de ambos vencer as eleições. Assim sendo, não surpreende que Eizayaga saia vitorioso, embora por uma pequena margem de votos.¹⁵⁷

Na sequência, a nova Diretoria da Associação deveria designar os representantes das comissões de ensino e da revista. Nesse momento, todos os presentes se retiraram espontaneamente. Masi Elizalde perdeu o cargo de editor da revista para Pablo Taubin (1921-1980), alinhado com Eizayaga, por quatro votos contra dois.¹⁵⁸ Revoltado por não ter sido convidado a assistir à discussão, apresentou sua renúncia a todos os cargos que ocupava e também à sua condição de sócio ativo.¹⁵⁹ Já os candidatos para a direção do ensino eram Paschero e Amaldi Tittaferrante (?-1981). A escolha era feita pelos membros da Comissão de Docência, constituída pelos professores adjuntos¹⁶⁰ e titulares,¹⁶¹ que deveriam votar separadamente. Tittaferrante foi eleito ao vencer Paschero por um voto de diferença.

¹⁵⁷ “Para a presidência, o Dr. Eizayaga obteve 33 votos e o Dr. Candegabe 28. Mas no que diz respeito à secretaria, somando os votos do Dr. Candegabe e do Dr. Murata, que pertencem à mesma facção, se obteriam 35 votos”. AMHA, Ata de Diretoria 376, 04/11/1970, f. 22.

¹⁵⁸ AMHA, Ata de Diretoria 376, 04/11/1970, f. 22.

¹⁵⁹ “O Dr. Masi Elizalde, visivelmente alterado, diz que a atitude da Comissão Diretora, que não convidou os professores presentes a assistir ao debate sobre as ditas designações, não tem precedentes na instituição e que o fato de ele ter sido substituído por esta Comissão na direção da revista é injuriante e afrontoso para sua pessoa e que não está disposto a tolerá-lo. A seguir dirige palavras ofensivas a todos os presentes ao expor que ‘nenhum dos vocês chega à sola dos meus sapatos’. Esclarece também que a partir daquele instante, dá por apresentada em forma verbal sua renúncia indeclinável a todos os cargos que possui na atualidade, incluindo sua condição de sócio ativo da instituição. O Dr. Pablo Taubin o interrompe para dizer que aceita sua renúncia”, Ibid., f. 26.

¹⁶⁰ Os professores adjuntos presentes à reunião e que votaram foram: Masi Elizalde, Eugenio Candegabe, Gregorio Taubin, David Milstein e Osvaldo Angeloz. AMHA, Ata de Diretoria 376, 04/11/1970, f. 27.

¹⁶¹ Os professores titulares presentes à reunião e que votaram foram: Paschero, Eizayaga, Tittaferrante, Abraham Kuperman, Ernesto Puigrós e Pablo Taubin. Ibid.

Assim, o grupo de Paschero havia perdido os dois cargos-chave para a difusão de suas ideias, a revista e a direção do ensino. A renúncia de Masi Elizalde foi seguida pela de vários outros homeopatas, inclusive Paschero, que não reconsideraram sua decisão, apesar das várias tentativas realizadas pela nova Diretoria.¹⁶² Pela análise das Atas de Diretoria, não se consegue ter uma ideia exata do número de homeopatas que aderiam ou não às ideias de Paschero. Porém, com a leitura da ata 377^a, é possível vislumbrar de forma aproximada o número de pascherianos, visto que a assembleia ali registrada acata a renúncia de 23 homeopatas, incluindo a dos líderes já mencionados.

Essa crise acontecia, paradoxalmente, num momento em que a homeopatia argentina estava ganhando reconhecimento internacional. Aliás, mais precisamente as ideias de Paschero começavam a ser conhecidas no exterior. No congresso internacional da Liga Medicorum Homeopathica Internationalis (LMHI) realizado em Atenas em 1969, havia sido fundado um curso de homeopatia internacional, no qual Paschero ministraria a disciplina de doutrina e filosofia homeopáticas. Além disso, previa-se que o congresso internacional de 1971 seria realizado em Buenos Aires e organizado pela AMHA. Com a saída de Paschero e seu grupo, outros rumos foram tomados.

¹⁶² AMHA, Ata de Diretoria 377, 11/11/1970, ff. 28-33 e AMHA, Ata de Diretoria [s/n], 18/11/1970, ff. 33-44.

A difusão do pensamento de Paschero

Paschero participava regularmente dos congressos internacionais da LMHI desde 1959, e sua comunicação na edição de 1961, dedicada a discorrer sobre “O lugar da homeopatia na medicina contemporânea”, teve grande destaque.¹⁶⁹ Da mesma maneira, assim é comentada sua participação no evento em 1969:

“[...] apresenta uma brilhante comunicação – disse em sua crônica Dr. P. Schmidt – sobre as verdadeiras e falsas curas. Trata da importância dos ‘sintomas mentais na anamnese, importância na qual insistiu Hahnemann’. Suas conclusões são muito hahnemannianas e serão úteis ao se ler e meditar sobre elas nas atas do congresso. Foi muito aplaudido.”¹⁶³

Neste trabalho, Paschero criticava a terapêutica baseada em preceitos mecanicistas,¹⁶⁴ em detrimento do “conhecimento moral do enfermo”. Argumentava sobre a necessidade de compreender o núcleo afetivo da personalidade do doente, sobre o qual deve basear-se o “diagnóstico terapêutico do *simillimum*”.¹⁶⁵ A mera remissão dos sintomas induzida por qualquer tratamento que não fosse a prescrição do medicamento homeopático maximamente semelhante era uma “cura falsa”,

¹⁶⁹ Hernández, “Resumen histórico”, 9.

¹⁶³ Ibid., 11.

¹⁶⁴ “De fato o conceito mecanicista com que se enfrenta o problema da enfermidade considerada assim como a disfunção quase autônoma de um órgão ou de um sistema parcializado pela economia, sem a absoluta e inviolável relação que sempre deve ter com o enfermo total e pessoal, tem feito com que se tome por cura o que não é nem pode ser nada além que uma simples, perigosa e muitas vezes mortal supressão da enfermidade local”, vide Paschero, *Homeopatía*, 231.

¹⁶⁵ Para Paschero, o *simillimum* é o medicamento cujo diagnóstico se assenta sobre os sinais psíquicos mentais e neurovegetativos de ordem local e particular que expressam a totalidade do indivíduo como entidade alma-corpo inseparável, cf. Ibid., 89.

porque não agia sobre o núcleo afetivo da personalidade. Com isso, Paschero não se referia apenas à medicina convencional, mas também aos homeopatas que focavam meramente a resolução dos problemas clínicos dos pacientes. A repercussão desse trabalho no congresso da LMHI aponta para a influência internacional das ideias propugnadas por Paschero.

O trabalho de Paschero junto à LMHI explica o lugar de destaque que esta organização internacional lhe atribuiu ao indicá-lo para a organização do congresso em Buenos Aires. De fato, embora não fosse o representante oficial da Argentina na LMHI, foi o prestígio de seu nome que possibilitou a realização do evento na cidade.

O XXVI Congresso Internacional de Medicina Homeopática da LMHI se realizou em Buenos Aires, de 14 a 18 de novembro de 1971. A designação de Candegabe como vice-presidente da LMHI pela Argentina e a de Masi Elizalde como vice-presidente adjunto lhes garantiu a organização do evento ao lado de Paschero. A AMHA, no entanto, comunicou oficialmente à LMHI que Paschero, Candegabe e Masi Elizalde não faziam mais parte de seu quadro de sócios e que se eximia de qualquer responsabilidade em relação ao congresso.¹⁶⁶ De fato, embora a AMHA tivesse sido convidada a participar, nenhum de seus membros compareceu ao evento, tampouco colaborou para sua realização.¹⁶⁷

¹⁶⁶ “Nos sentimos obrigados a lhes fazer saber que toda responsabilidade da organização do futuro Congresso Internacional corre por conta exclusiva dos mencionados colegas designados pela LMHI. Além disso, damos conhecimento de que esta instituição não assume nenhuma responsabilidade sobre correspondência que seja enviada sem a assinatura do atual presidente”, AMHA, Ata de Diretoria, 382, 10/03/1971, ff. 56-7.

¹⁶⁷ Masi Elizalde, “Congreso de Buenos Aires”, 4.

Como representantes oficiais da Argentina na LMHI, Paschero e seu grupo iniciaram a edição de uma revista assim que o congresso terminou, os *Anales Homeopáticos Argentinos*, que foram publicados pela primeira vez no final de 1971, sob a direção de Masi Elizalde, como o órgão oficial da LMHI na Argentina. Os *Anales* anunciaram que havia ainda mais um motivo de satisfação, a saber, a realização do “Primeiro Curso Internacional de Homeopatia”, ministrado por homeopatas argentinos liderados por Paschero. Além disso, a própria publicação, os *Anales*, já era proposta como representativa dessa instituição de caráter internacional, visto que, em 1970, seus artigos passam a ser publicados em inglês e alemão, além de em espanhol, visando sua distribuição para as demais vice-presidências internacionais da LMHI.¹⁶⁸

Como mencionado anteriormente, a decisão acerca desse curso tinha sido tomada no congresso da LMHI de 1969, quando também fora criada a Escola Médica Homeopática Internacional. Paschero fazia parte do corpo docente e ficara responsável pela disciplina de filosofia homeopática.¹⁶⁹ O primeiro curso internacional de homeopatia durou 15 dias, no período pré-congresso, com a presença de “[...] colegas do Brasil, Colômbia, México e Venezuela”. Sobre ele, comenta, ainda, Elizalde: “Todos captaram plenamente a doutrina: a enfermidade crônica como atitude reativa psicobiológica ante a angústia existencial [...]”.¹⁷⁰

¹⁶⁸ Masi Elizalde, “Reaparición”, 5-6.

¹⁶⁹ Candegabe, “Primer curso”, 35.

¹⁷⁰ Masi Elizalde, “Cosecha”, 2.

As teorias de Paschero começavam a ganhar ampla repercussão. Além de ter sido ouvido na Faculdade de Medicina de Buenos Aires, suas ideias, então, influíam na prática dos médicos de mundo todo, através das vice-presidências nacionais da LMHI. A desejada homogeneização da homeopatia internacional deveria ser feita com base nas ideias de Paschero. Para dar corpo a este projeto, era necessário um centro de estudos homeopáticos em Buenos Aires e este seria o próximo passo dado por Paschero e seu grupo.

Internacionalização da homeopatia argentina

Assim, a Escuela Médica Homeopática Argentina (EMHA) foi fundada em 30/07/1976, com o objetivo declarado de “impulsionar o desenvolvimento da homeopatia na República Argentina e criar um centro de estudos para médicos homeopatas, para a sociedade ou pessoas que se interessem pela homeopatia.”¹⁷¹

A fundação da EMHA também estava assentada na possibilidade de ela se constituir na base argentina não só da Escola Médica Homeopática Internacional, a qual seria integrada por professores dos mais diversos e importantes centros homeopáticos de todo o mundo,¹⁷² como também da LMHI, tornando-se sua representante oficial. Além disso, os diretores da EMHA, que também eram os delegados argentinos junto à Liga, desempenhariam o papel de consultores do

¹⁷¹ EMHA, Ata de fundação, 30/07/1976, f. 1.

¹⁷² Ibid., ff. 1-2.

ensino homeopático internacional. Ou seja, não apenas as teorias de Paschero seriam difundidas pelo mundo através da escola internacional, mas também outras áreas de ensino poderiam ser definidas pela consulta aos professores da EMHA.¹⁷³

No intervalo de seis anos entre a saída da AMHA e a fundação da EMHA, aparentemente o grupo de Paschero havia desenvolvido atividade docente, pois, na época da fundação da Escola, Masi Elizalde propõe uma lista de “14 médicos para se associarem à EMHA, por serem profissionais graduados pelos cursos ministrados pela escola até a presente data.”¹⁷⁴. O curso oficial da EMHA foi inaugurado em abril de 1977,¹⁷⁵ porém, mais uma vez novos conflitos não demoraram a se deflagrar.

Dada sua condição de braço da LMHI, dentro da Escola, assumia-se como necessária a homogeneização de teorias e práticas, com vistas ao ensino internacional. No entanto, nossa análise das Atas de reunião da Diretoria revela a situação oposta apenas quatro anos após a fundação da EMHA, como, por exemplo, quando Masi Elizalde denuncia o incômodo existente entre os alunos do segundo e do terceiro anos com relação à “contradição que há entre os distintos componentes do corpo docente da escola”.¹⁷⁶ Numa Ata de reunião, é feita uma menção aos comentários sobre “a dificuldade da Direção da Escola para restringir o que um docente pode dizer em sala de aula, quando se afasta do que corresponde ao que

¹⁷³ EMHA, Ata de fundação, 30/07/1976, f. 15.

¹⁷⁴ EMHA, Ata de Diretoria 01, 21/08/1976, f. 18.

¹⁷⁵ EMHA, Ata de Diretoria 26, 12/03/1977, f. 27.

¹⁷⁶ EMHA, Ata de Diretoria 42, 03/07/1980, ff. 80-81.

propõe a escola no geral.”¹⁷⁷ Também Paschero mostra-se preocupado com os rumos das discussões e, numa das reuniões da Diretoria, faz os seguintes pedidos: “concórdia de todos os membros, esgotar os esforços para manter a coesão de nossa escola e não permitir que se separe nenhum membro dela”.¹⁷⁸

De sua parte, Candegabe, como vice-presidente da LMHI pela Argentina e presidente da EMHA, ressalta que a “direção da escola não pode ser uma atividade pessoal, mas [que as decisões] dependerão da comissão diretora”. Conclui exemplificando que a aprovação de uma proposta de Masi Elizalde (na época o diretor da Escola) não seria um “plano de Masi, mas da Escola Médica Homeopática Argentina”.¹⁷⁹ A frustração se revela, ainda, no fato de que numa reunião da Diretoria, em agosto de 1979, Candegabe admite que:

“[...] não temos alcançado, ainda, esse objetivo desejado do que deva ser uma escola científica, principalmente esta, que é tanto científica quanto humanística. Prevalece ainda em nós o sentido individualista acima daquele do grupo, o conhecimento científico pessoal acima do saber da escola; nosso desejo de ensinar se antepõe ao interesse de aprender; ainda não estamos livres de preconceitos – como queria Hahnemann –, mas nos irritamos quando percebemos que, em alguns aspectos, a Escola em conjunto não pensa como nós em particular.”¹⁸⁰

¹⁷⁷ EMHA, Ata de Diretoria 34, 16/10/1979, f. 71.

¹⁷⁸ EMHA, Ata de Diretoria 42, 03/07/1980, f. 81.

¹⁷⁹ EMHA, Ata de Diretoria 28, 17/003/1979, f. 51.

¹⁸⁰ EMHA, Ata de Diretoria 33, 04/08/1979, f. 62.

Mais um cisma

Essas manifestações permitem inferir que Masi Elizalde estava tentando dar uma direção pessoal ao ensino, apresentando aos alunos uma compreensão da homeopatia diferente da que era preconizada pela Escola, na verdade, por Paschero. De fato, o distanciamento de Masi Elizalde das ideias de Paschero se iniciara em 1969, por ocasião do congresso de Atenas, no qual o primeiro havia apresentado um trabalho demonstrando a origem metafísica, e não psicológica, da enfermidade.¹⁸¹

A preocupação com a repercussão dessas diferenças não dizia apenas respeito às aulas na Escola, mas também aos cursos que os professores da EMHA proferiam no exterior. Isso fez com que fosse aprovada uma resolução estipulando que essas viagens precisariam da aprovação da Diretoria da EMHA,¹⁸² de modo a controlar o que poderia ser dito em nome da Escola. Essa preocupação estava plenamente justificada, porque os professores da EMHA eram convidados a ministrar cursos em diversos países do mundo. À guisa de exemplo, pode-se lembrar que, além de ensinar na Itália, Masi Elizalde se revezava com Candegabe no curso de formação em homeopatia de São Paulo¹⁸³ e, ainda, que tantos eram seus compromissos que não pôde ministrar curso no Instituto Hahnemanniano do

¹⁸¹ Na época, Elizalde também começara a identificar coincidências entre o pensamento tomista e a doutrina homeopática. Com o decorrer do tempo, elas o levariam a afirmar que a homeopatia não era senão a medicina tomista, e que Hahnemann havia plagiado Tomás de Aquino. Cf. Waisse, “Hahnemann plagiou Aquino?”.

¹⁸² EMHA, Ata de Diretoria 35, 17/11/1979, f. 74.

¹⁸³ EMHA, Ata de Diretoria 36, 01/12/1979, f. 76.

Brasil, no Rio de Janeiro, sendo por isso, substituído por Maria Clara Bandoel.¹⁸⁴ Convém observar, no entanto, que não eram somente as ideias defendidas na EMHA, mas as da homeopatia argentina em geral, que estavam sob um processo de intensa disseminação, já que também Eizayaga era requerido internacionalmente para aulas e palestras.

Assim, novamente Paschero enfrentava resistência, desta vez, por parte de um grupo liderado por seu discípulo Masi Elizalde, que incluía Flora Dabbah, Federico Fisch e Juan Gómez.¹⁸⁵ Um ano depois esse grupo se expandiu dentro da escola, e a ele se juntaram Maria Clara Bandoel, Juan Carlos Galante, Eduardo Invertarza e Victor Saragusti que, designados por Masi Elizalde como seus assistentes, começaram também a participar das aulas na disciplina de filosofia homeopática.¹⁸⁶ Esse grupo passou a defender de modo cada vez mais intenso o pensamento tomista como instrumento para a compreensão, prescrição e acompanhamento dos pacientes. A incompatibilidade dessa postura com a de Paschero levaria Masi Elizalde e seu grupo a saírem da EMHA em 1980. Nessa ocasião, Elizalde declarou que não poderia ali continuar, pois não poderia ensinar algo em que não acreditava.¹⁸⁷ Com seu grupo, fundou uma nova instituição, o Instituto de Altos Estudios Homeopáticos “James Tyler Kent” (IAEHJTK), que por

¹⁸⁴ EMHA, Ata de Diretoria 43, 18/10/1980, f. 82.

¹⁸⁵ “O Dr. Masi Elizalde, como titular da disciplina de Doutrina e Filosofia Homeopática e diretor da Escola, propõe designar a Comissão de Atheneo para este ano integrada pelos Drs. Flora Dabbah, Federico Fisch e o médico veterinário Juan Gomez para que se ocupem de sua organização.” EMHA, Ata de Diretoria 28, 17/03/1979, f. 53.

¹⁸⁶ EMHA, Ata de Diretoria 39, 26/04/1980, f. 78.

¹⁸⁷ EMHA, Ata de Diretoria 44, 27/12/1980, f. 84.

vários anos, com sede em Buenos Aires, estudou profundamente as ligações do tomismo com a homeopatia.

O pensamento de Masi Elizalde está exposto nos oito volumes das *Actas del Instituto Internacional de Altos Estudios Homeopáticos “James Tyler Kent”*, que foram publicados de novembro de 1984 até maio de 1994. Esse instituto não tinha organização formal, mas se reunia para aprofundar o estudo das ideias de Masi, que, enquanto isso, viajava pelo mundo propagando suas teorias. No Brasil, Masi ministrou muito frequentemente, cursos no Rio de Janeiro e em São Paulo e, em intervalos maiores, em Brasília, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. Curiosamente, nunca conseguiu estabelecer uma escola em Buenos Aires, mas, estabeleceu dois centros de operações, um localizado na França e outro no Brasil. Depois de sua morte, em 2003, suas teses caíram rapidamente em descrédito, embora persista um núcleo de poucas dezenas de homeopatas, incluindo praticantes leigos, de diversos países do mundo, que periodicamente se reúne para debates e discussões.

A homeopatia argentina no mundo

Como mencionado, as ideias homeopáticas argentinas se disseminaram pelo mundo (Figura 4), sendo que cada instituição – AMHA, EMHA, IAEHJTK, entre várias outras que seriam fundadas – ensinava as teorias formuladas por seus respectivos fundadores as quais deveriam ser partilhadas pelos membros da instituição.

Particularmente Paschero, Masi Elizalde e Eizayaga lideraram esse movimento de difusão. Paschero fundou escolas na Itália e na Espanha, além de apresentar aulas e conferências na França, Inglaterra, Áustria, EUA, Colômbia, Equador, Índia e Venezuela.¹⁸⁸ Além disso, Paschero foi presidente da LMHI no ano de 1973, período em que fundava a EMHA em Buenos Aires, a qual seria o braço direito da Liga na Argentina e a responsável pelo curso internacional de homeopatia. O reconhecimento à contribuição de Paschero à homeopatia pode ser exemplificado com o recebimento da medalha de ouro da homeopatia, concedida pela Indian Homeopathic Medical Association em 1985, e pelo fato de ter sido considerado, pela Sociedade Médica Homeopática de Barcelona, um dos três mais importantes homeopatas do mundo ao lado do suíço Pierre Schmidt (1894-1987) e do mexicano Proceso Sánchez Ortega (1919-2005).¹⁸⁹ No Brasil, a formação de homeopatas desde a década de 1970 foi feita basicamente pela escola argentina. No estado do Paraná, a escola de formação de homeopatas centrava-se nas teorias de Paschero, enquanto no Rio de Janeiro e em São Paulo seguiam-se as ideias de Masi Elizalde.

Eizayaga ofereceu um curso completo de homeopatia entre 1976 e 1977 em São Paulo, no Brasil, além de ministrar aulas e palestras no México, na Venezuela, na Colômbia, no Uruguai, no Chile, na Espanha e nos EUA.¹⁹⁰ Também Masi Elizalde levou suas teorias para outros países, tendo ministrado cursos, aulas e

¹⁸⁸ Cf. "Biografía del dr. Tomás Pablo Paschero" disponível em www.escuelapaschero.com.ar (último acesso em 15/01/2013).

¹⁸⁹ Cf. "Dr. Proceso Sánchez Ortega (1919-2005)" disponível em www.amhb.net (último acesso em 13/03/2013).

¹⁹⁰ Informações obtidas em sua biografia oficial, disponível em www.homeos.org (último acesso em 15/01/2013).

conferências, no Brasil, assim como no México, em Portugal, na Espanha, na França, na Itália, na Suíça e na Rússia.

Esse movimento aconteceu num período em que a homeopatia no mundo estava em franco declínio.¹⁹¹ Assim, é possível sugerir que a Argentina teve um papel fundamental no ressurgimento da homeopatia a partir da década de 1970, quando começaram as críticas à medicina convencional com base em sua pouca ou nenhuma humanidade nas relações com os pacientes, nas doenças iatrogênicas, nos altos custos dos diagnósticos e dos tratamentos, na excessiva medicalização e nas aspirações do movimento *New Age*.¹⁹²

A partir dessa década, a reflexão sobre a prática médica convencional permite que a atenção da saúde se volte para a medicina integrativa. Considerada como aquela que integra as abordagens da medicina convencional com as da não convencional, objetiva um melhor cuidado do enfermo e, além disso, apresenta uma perspectiva holística do paciente, o qual é considerado “como um todo indivisível, impossível de ser separado em corpo físico, mente e corpo com ênfase nos relacionamentos interpessoais e no contexto de vida”¹⁹³. Nesse sentido, não se pode excluir que a mudança feita pelos argentinos nas ideias de Kent preenchesse as necessidades típicas do período, na medida em que os aspectos sociais, religiosos, psicossociais e culturais são tomados em consideração na abordagem individual de

¹⁹¹ Cf. Winston, 211-39; Dinges, *Patients in the History of Homeopathy* e preâmbulo para *Weltgeschichte der Homöopathie*; e Waisse, “Successful Marriage”.

¹⁹² Waisse, “Successful Marriage”, 132.

¹⁹³ Otani & Barros, “Medicina Integrativa”.

cada paciente. A homeopatia argentina encontra aí um espaço para se difundir, resgatando o ser humano para o centro da atenção médica, anteriormente reservado à doença.

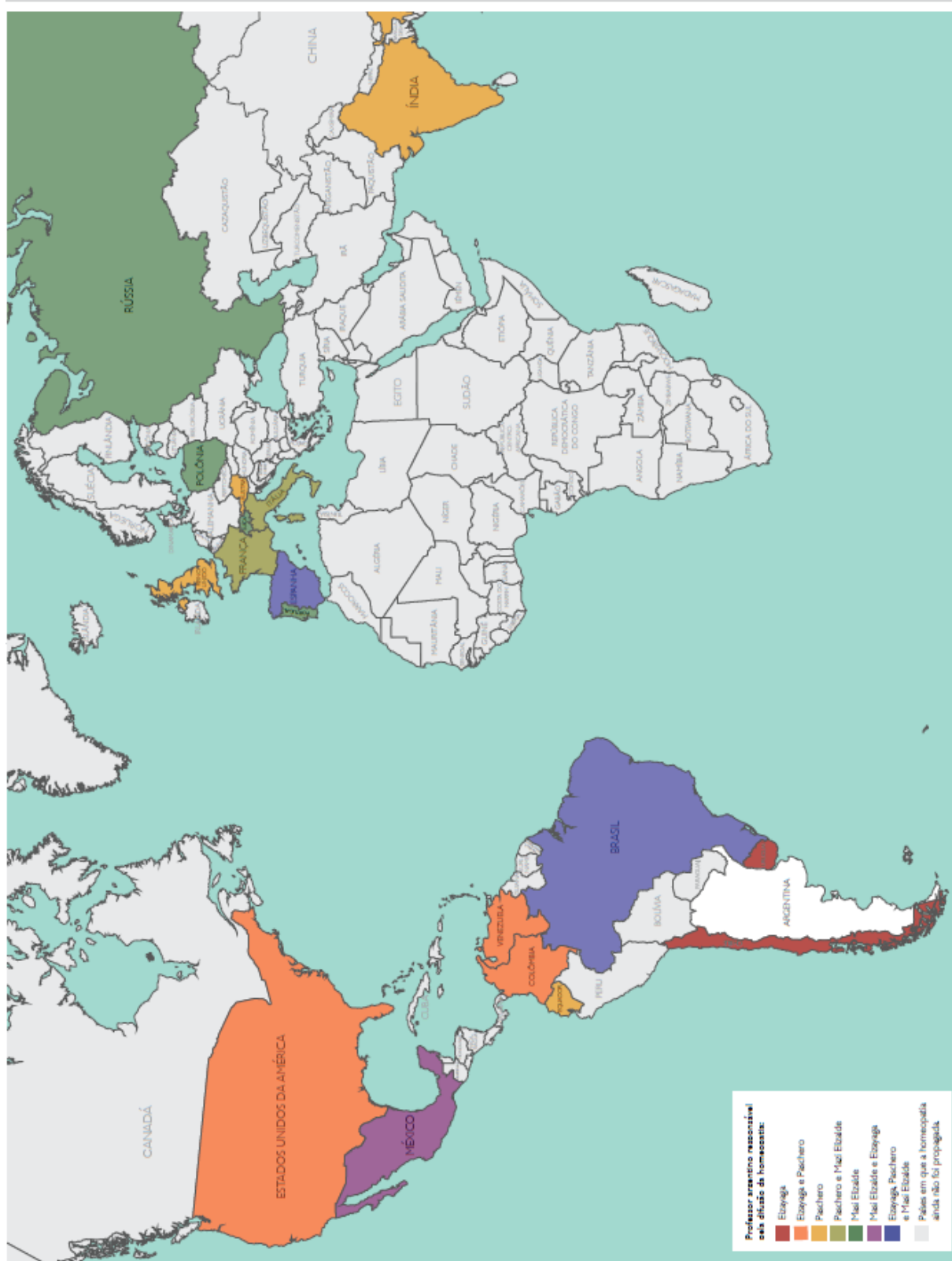


Figura 4. A difusão da homeopatia no século XX a partir da Argentina

CONCLUSÃO

CAMINHOS DA HUMANIZAÇÃO DA MEDICINA NO SÉCULO XX

A homeopatia pascheriana disseminou-se pelo mundo, enquanto, finalmente, tornava-se a visão hegemônica na EMHA, a partir dos anos 1980, após a saída de Masi Elizalde. Desde a década de 1960, Paschero vinha aceitando convites para ensinar suas teorias em cursos e conferências fora da Argentina, processo que teve início na Venezuela, onde ministrou um curso em 1962 e outro em 1968.¹⁹⁴

Como procuramos pontuar, sua presença sistemática nos congressos internacionais da LMHI permitiu que suas ideias fossem difundidas pelo mundo. Esse seria o passo inicial para a propagação de suas teses, uma vez que é devido a essa participação que mais tarde seria convidado a lecionar suas teorias em aulas e palestras em vários países, como mencionado no final do Capítulo 3 do presente trabalho. A visão de Paschero confere certa visibilidade à homeopatia, que se torna, no último quartel do século XX, uma das chamadas medicinas alternativas, passando a embasar a humanização da medicina, ao lado de várias outras práticas que também colocam o foco no doente e não na doença.

¹⁹⁴ Giampietro, 216.

Como vimos, Paschero havia se aproximado, inicialmente, de uma homeopatia fortemente ligada ao transcendentalismo, como ilustra o caso de Grimmer e seu mestre Kent, para, após, apropriar-se de conceitos psicanalíticos, à procura de subsídios para explicar a dinâmica por trás do processo individual do adoecer. Nesse sentido, pode-se acrescentar que ele compartilhava uma insatisfação peculiar ao período entre guerras, quando surgia, na Europa, mais especificamente na França, um movimento conhecido como humanismo médico ou neohipocratismo.¹⁹⁵ Altamente heterogêneo em sua composição, esse grupo incluía homeopatas destacados, como René Félix Eugène Allendy (1889-1942).¹⁹⁶

Vale ressaltar que Allendy foi considerado um dos três mais importantes pensadores que se opunha à medicina convencional. Seu livro *Les tempéraments*¹⁹⁷ foi importante para os estudos dos temperamentos que mais tarde seriam conhecidos como bióticos.¹⁹⁸

Além de homeopata, Allendy era psicanalista e, como Paschero, também criticava a medicina convencional devido a sua extrema preocupação com os diagnósticos clínicos. Da mesma forma, considerava que os médicos tradicionais não tinham noções claras sobre a terapêutica, o que resultava na seguinte situação:

¹⁹⁵ Weisz, 82.

¹⁹⁶ Allendy participou, ao lado de Marcel Martiny (1897-1982) e Maurice Fortier-Bernonville (1896-1939), homeopatas, do movimento chamado “neohipocratismo” na França, o qual na década de 1960 passou a ser conhecido como holismo. Ibid.

¹⁹⁷ Nesse livro, Allendy explica que sua obra é uma teoria fisiológica dos temperamentos com aplicações práticas para higiene e para terapêutica. Ibid.

¹⁹⁸ René Biot foi fundador do Groupe Lyonnais d'études médicales, philosophiques et biologiques, que refletia sobre o papel da medicina em uma perspectiva cristã. Em 1927, Biot escreve um livro sobre os “temperamentos” em que dialoga com as ideias de Allendy, vide Ibid., 72-3.

os pacientes eram submetidos a infindáveis variações de receitas e dietas a cada troca de médico, mesmo que mantivessem as mesmas queixas.¹⁹⁹

Seguindo nesta linha, Allendy se opunha, conseqüentemente, ao modelo do ensino médico da época, direcionado exclusivamente para o diagnóstico clínico.²⁰⁰ Sobre essas bases, ele defendia a homeopatia como uma terapêutica mais adequada, à medida que ela privilegiava cada paciente em sua totalidade, ao invés do diagnóstico.²⁰¹

Allendy não se restringiu à consideração de que a homeopatia seria a forma mais apropriada de tratamento, mas traçou um paralelo com a psicanálise, a qual ele considerava tão benéfica quanto a homeopatia, porque também abordava a enfermidade e a cura como processos internos ao ser humano. Entretanto, a comparação que ele estabelecia entre ambas se limitava a este aspecto: a psicanálise poderia induzir o mesmo tipo de processo curativo promovido pela homeopatia, isto é, levar a uma “regularização interior, o que equivaleria admitir, implicitamente, uma tendência espontânea à cura”.²⁰²

Diante disso, é possível identificar alguns elementos em comum entre Allendy e Paschero, tais como: a crítica à medicina convencional, a compreensão do ser humano em sua totalidade e o entendimento de que tanto a enfermidade quanto a

¹⁹⁹ Allendy, “Crisis actual”, 152.

²⁰⁰ Ibid., 151.

²⁰¹ Ibid., 152.

²⁰² Ibid., 155.

cura são internos ao homem. No entanto, é possível também detectar a maneira diferenciada como ambos consideram a psicanálise em relação à homeopatia.

Paschero, por sua vez, considera o ser humano como essencialmente psicodinâmico e, em consequência disso, entende que a cura consiste num nível de adaptabilidade ao meio que o paciente não era previamente capaz de desenvolver. Como constatamos no Capítulo 2 do presente trabalho, de acordo com Paschero, a enfermidade é gerada por inibições de origem moral, tanto religiosas quanto sociais. No entanto, ele não crê que apenas a análise das situações conflituosas possa resolver a doença. Para ele, apenas o medicamento homeopático, isto é, ultradiluído e aplicado segundo o critério de semelhança terapêutica, pode estabelecer o caminho curativo ao desfazer o bloqueio da energia vital gerador da enfermidade. Desse modo, a seu ver, nem a psicanálise nem qualquer outra forma de psicoterapia jamais poderia ter o mesmo efeito que a homeopatia, que Paschero define como a autêntica medicina da persona ou medicina antropológica.²⁰³

Já para Allendy, a doença era um produto do meio externo ou da interação dele com fatores internos.²⁰⁴ Portanto, ele não articula os conceitos da psicanálise aos da homeopatia, ou seja, não procura reelaborar a proposta hahnemanniana sob uma visão psicodinâmica como fez Paschero. Consequentemente, as contribuições

²⁰³ Paschero explica que a homeopatia é a única medicina que contempla a integração dos valores psíquicos e físicos do enfermo, logo, é autêntica medicina antropológica ou da pessoa. Nesse contexto, esclarece o sentido que dá ao termo “persona” ao afirmar que a vocação maior do ser humano não é a individualização, mas a personalização, isto é, a sua realização como pessoa, que requer a superação do autismo destrutivo e a sua transformação em um ser altruísta, vide Paschero, *Homeopatia*, 150-1.

²⁰⁴ Weisz, 73.

de Allendy à homeopatia não chamaram a atenção internacional, à diferença das do argentino, baseadas em sua compreensão peculiar da chamada “lei de cura”, que desdobrou para explicar conceitos básicos da homeopatia, como o da lei dos semelhantes e o da energia vital, à luz da psicanálise.

Vale lembrar que o estopim desses desenvolvimentos foi a insatisfação de Paschero com a medicina convencional, dentro de um contexto sócio-histórico que facilitou o processo de busca de uma prática médica mais humanizada. Em seu percurso, Paschero defendeu uma total revisão do conceito de enfermidade, com base nas teorias psicanalíticas, o que possibilitou a compreensão do transtorno dinâmico funcional que precede a lesão orgânica.²⁰⁵

Na década de 1930, quando Paschero realizava sua primeira aproximação da homeopatia, na Argentina, a atenção à saúde enfrentava as sérias consequências da crise econômica global, assim como problemas próprios.²⁰⁶ O sistema de saúde era incapaz de atender a volumosa demanda decorrente de um intenso crescimento populacional. Convém lembrar, quanto a isso, que a população argentina dobrou entre 1906 e 1935.²⁰⁷ Em paralelo, registrava-se um aumento expressivo do número das consultas nas especialidades médicas, o que demonstra uma maior preocupação da medicina com as questões clínicas em detrimento do indivíduo.²⁰⁸

²⁰⁵ Paschero, *Homeopatía*, 41.

²⁰⁶ Belmartino, *Atención médica*, 73.

²⁰⁷ Em decorrência deste aumento populacional, as consultas nos hospitais municipais aumentaram 250% e nas sociedades de beneficência aproximadamente 300%. Os leitos hospitalares aumentaram mais de 300% nos hospitais municipais e 125% nas beneficências. As consultas ambulatoriais aumentaram tremendamente: 1.467% nos hospitais públicos e 1.625% nos de beneficência; *Ibid.*, 83.

²⁰⁸ *Ibid.*, 75.

Essa realidade colocava em debate o biologismo dominante, isto é, foi iniciada uma reflexão sobre as bases do raciocínio médico científico que busca relações pré-determinadas de causa e efeito, sem conseguir resolver os problemas individuais.

Nesse contexto de questionamento ao biologismo, os médicos começaram a discutir a necessidade de se integrar fatores emocionais aos processos patológicos, assim como suas perspectivas sociais.²⁰⁹ Paschero, compartilhando desta insatisfação, encontrou na homeopatia o caminho para centralizar a atenção do médico no ser humano, sem perder de vista os aspectos clínicos.

Assim, ele defendia não ser mais possível considerar um doente como um organismo mecânico, e, conseqüentemente, a terapêutica não mais poderia basear-se nos supostos mecanismos fisiopatológicos. Para que estes pudessem ser compreendidos, seria imprescindível uma visão total do enfermo, pois só apontando para o seu funcionamento como pessoa seria possível entender verdadeiramente sua enfermidade. Nessa perspectiva, seria necessário que o paciente fosse

“[...] considerado em sua total dimensão psicofísica, tendo que se referir indiscutivelmente a sua enfermidade e às situações atuais, ao contexto integral de sua biopatografia inteira, a disposição psicodinâmica constitucional que tornou possível o quadro atual, tanto na ordem física quanto na moral, deve interpretar o sentido dos sintomas e deve, em suma, capacitar-se para poder compreender, mais que o funcionamento do órgão, mas o funcionamento do indivíduo enquanto pessoa.”²¹⁰

²⁰⁹ Belmartino, 89.

²¹⁰ Ibid., 152.

Assim, Paschero valoriza os sintomas que integram o quadro da personalidade do paciente e que expressam sua adaptação ao meio social. Além disso, explica que é a personalidade do ser humano que adocece, sendo o organismo o meio de expressão da enfermidade.²¹¹ Reconhecendo, ainda, que os conflitos entre forças externas e internas constituem a base da enfermidade do ser humano.

Para proporcionar um atendimento humanizado, Paschero considera imprescindível que o médico tenha formação adequada e específica para esse propósito. Assim, ensina que a educação do profissional deverá estar voltada para muito além das questões clínicas e, nesse sentido, indica que o médico deve, necessariamente, situar-se em uma “perspectiva dinâmica, na qual, abarcando a total biografia da anamnese do enfermo, possa compreender o gênio mórbido da enfermidade atual que o leva à consulta”.²¹²

Dessa forma, Paschero mostra o caminho a ser trilhado pelo médico no atendimento humanizado do doente, cuja subjetividade está presente nos sentimentos, nas emoções e em seus conflitos. Todos esses elementos tornam-se imprescindíveis na identificação do paciente, entendido como uma “expressão de um processo vital que tem passado, presente e futuro [...]”, o que é fundamental para o médico que “jamais deverá priorizar o enfoque científico e sua natureza material”.²¹³ Para Paschero não é possível compreender uma doença sem levar em conta o

²¹¹ Paschero, *Homeopatía*, 56.

²¹² *Ibid.*, 138.

²¹³ *Ibid.*, 138.

paciente em sua dimensão psicofísica.²¹⁴ Noutras palavras, segundo ele, um paciente não adoece no fígado, no coração ou em qualquer outro órgão, na verdade, a doença estaria “no centro dinâmico motor de sua personalidade psicofísica, em sua afetividade emocional, em sua vontade íntima”²¹⁵.

Assim, ele explicita que, por ser uma medicina essencial e basicamente humana, a homeopatia exige que o médico esteja preparado para entender o ser humano em sua dimensão pessoal e antropológica e ainda para entendê-lo como um organismo que possui uma estrutura teleológica condicionada a um fim.²¹⁶

Paschero ensina que os homeopatas devem ser capazes de encontrar as causas da enfermidade, a qual não pode ser detectada pela análise química ou por microscópio ou por meio de qualquer outro meio técnico moderno, pois sua causa é dinâmica e não material.²¹⁷

Além disso, de acordo com ele, a homeopatia teria uma visão clínica integrativa do ser humano e não apenas psicológica. Isso poderia ser justificado pelo fato de a energia vital seguir uma direção de dentro para fora, do interior para o exterior, do centro para a periferia, de cima para baixo e da mente para o corpo. Isso possibilita que seja compreendida a vida mental, o comportamento, as reações psíquicas, as sensações e sentimentos do enfermo, levando-se em conta, portanto,

²¹⁴ Paschero, *Homeopatía*, 152.

²¹⁵ *Ibid.*, 153.

²¹⁶ *Ibid.*, 169.

²¹⁷ *Ibid.*, 149.

que ele está no centro de seu processo mórbido do desequilíbrio de sua energia vital.

Assim, pode-se afirmar que a homeopatia construída por Paschero respondia às necessidades de uma visão integral e humanista na medicina contemporânea a ele e que, em razão disso, ou seja, porque sua medicina antropológica propunha a integração dos valores psíquicos e físicos do enfermo,²¹⁸ suas teorias propulsionaram a difusão da homeopatia pelo mundo.

²¹⁸ Paschero, *Homeopatía*,150.

BIBLIOGRAFIA

MATERIAL DE ARQUIVOS

Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro

Teses médicas

Associação Médica Homeopática Argentina – AMHA

Atas de reunião da Diretoria

Atas de reunião do Comitê editorial da revista *Homeopatía*

Revista *Homeopatía*

Biblioteca Nacional Argentina

Boletín de la Sociedad Hahnemanniana Argentina

El Homeópata

Escuela Médica Homeopática Argentina “Tomás Pablo Paschero” – EMHA

Atas de reunião de Diretoria

Anales Homeopáticos Argentinos – Órgano Oficial de la Vice-Presidència Argentina de la Liga Medicorum Homoeopathica Internationalis

Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Jornal do Commercio

Sociedade Médica Homeopática Argentina – SMHA

Atas de reunião de Diretoria

Biblioteca do Congreso de la Nación Argentina

El Nacional

La Nación Argentina

DOCUMENTOS

Aberastury, Federico. "Homeopatía y psicología". *Homeopatía* 14, nº 35 (jul. 1946): 143-151.

_____. "Los síntomas mentales." *Homeopatía* 14, nº 37 (sep. 1946): 209-223.

Candegabe, Eugenio. "Primer curso de homeopatía dictado por la filial Argentina de la escuela médica homeopática internacional". *Anales Homeopáticos Argentinos* 1, nº 2 (sep./ oct. 1971): 35-36.

Cárcamo, Celes E. "Estado actual del psicoanálisis". *Homeopatía* 13, nº 26 (ago. 1945): 219-223.

Corradi, Juan. *Reseña del sistema médico homeopático y dosis infinitesimales. Acompañada de algunos documentos y datos estadísticos*. Buenos Aires: Imprenta del Orden, 1869.

_____. *Valor teórico de la medicina homeopática e alopática*. Buenos Aires: Imprenta del Vapor de El Tribuno, 1876.

Eizayaga, Francisco X. "Los cuatro diagnósticos del médico homeópata". *Homeopatía* 31, nº 1 (en./ feb./ mar, 1964): 80-82.

_____. "Campo de acción y limitaciones de la homeopatía". *Homeopatía* 31, nº 1 (ene./ feb./ mar. 1964): 69-79.

_____. *Tratado de medicina homeopática*. Buenos Aires: Ediciones Marecel, 1972.

_____. *El moderno repertorio de Kent*. 2 vols. Buenos Aires: Ediciones Marecel, 1992.

Germon, Emilio. *Manual Homeopático*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848.

Grimmer, Arthur H. "Lo esencial para una prescripción homeopática". *Homeopatía* 20, nº 206 (mar. 1954): 58-60.

Grosso, Armando. "Atividades." *Homeopatía* 2, nº 9-10 (out. 1935): 249-250.

_____. “Cuestiones de técnica homeopática: repertorización.” *Homeopatía* 2, nº 1 (jan.1935): 7-12.

_____. “Cuestiones de técnica homeopática: unisistas y pluralistas.” *Homeopatía* 2, nº 3-4 (Mar./ Abr.1935): 65-69.

Guimarães, Mário V. “As Pioneiras da medicina no Brasil e Pernambuco.” *Sociedade Brasileira de História da Medicina*. <http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=noticias&codigo=132> (acessado em 28 de janeiro de 2013).

Hahnemann, Samuel. *Organon da Arte de Curar*. Trad. David Castro, Rezende Filho e Kamil Kuri. 3ª ed. São Paulo: GEHSP “Benoit Mure”, 2002.

_____. *Organon of Medicine (Fifth and sixth edition)*. Trad. e ed. R. E. Dudgeon. Calcutta: M. Bhattacharyya, 1980.

_____. *Doenças Crônicas, sua natureza peculiar e sua cura homeopática*. 5ª ed. Trad. Louis H. Tafel. São Paulo: GEHSP “Benoit Mure”, 1999.

_____. *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*. Trad. e ed. R. E. Dudgeon. New Delhi: B. Jain Publishers, 1989.

_____. *Matéria Médica Pura*. Vols. 1 e 2. Trad. e ed. R. E. Dudgeon. New Delhi: B. Jain Publishers, 1986.

_____. *Chronic Diseases*. 2 vols. Trad. Louis H. Tafel. New Delhi: B. Jain Publishers, 1985.

Hernández, Carlos A. “Resumen histórico de la Liga Médica Homeopática Internacional (“Liga Medicorum Homeopathica Internationalis”).” *Anales Homeopáticos Argentinos* 1, nº 1 (nov./ dez. 1971): 3-11.

Instituto de Homeopatia James Tyler Kent. *Masi Elizalde – Homeopatia Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Luz e Menescal, 2004.

Jahn, Frederico E. *Exposição da Doutrina Homoeopathica*. Rio de Janeiro: Tipografia de R. Ogier & C., 1836.

Jonas, Godofredo. "La homeopatía en la república argentina." *Homeopatía* 19, nº 6 (ago. 1951): 134-136.

_____. "Inauguración del local de la Sociedad Médica Homeopática Argentina." *Homeopatía* 1, nº 11-12 (nov./ dec. 1934): 343-346.

Kent, James Tyler. *Lectures on Homoeopathic Philosophy*. New Delhi: B. Jain Publishers, 1989.

_____. *Filosofía Homeopática*. Trad. e org. Ruth Kelson. São Paulo: Robe Editorial, 2002.

La España Médica. Ibéria médica y crónica de los hospitales. Periódico oficial de la hospitalidad domiciliar y provincial de Madrid de las Academias Médico-Quirúrgicas Matritense y quirúrgica Cesaraugustana del cuerpo médico forense y de la sociedad filantrópica de profesores de ciencias médicas. Año 1862. Vol.7. Madrid: Imprenta Médica de Manoel Alvares, 1863.

La Redación, "A los lectores." *Boletín de la Sociedad Hahnemanniana Argentina* 3, nº 18 (oct.1872): 362-363.

Laemmert, Eduardo, org. *Almanak administrativo Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1854*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1854.

Laplanche, Jean, & Jean-Bertrand Pontalis. *Vocabulário de Psicanálise*. 7ª ed, Ed. Daniel Lagache. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Maglioni, Luis. *Homeopatía*. Buenos Aires: Imprenta de M. Biedma, 1878.

_____. *Terapéutica*. Buenos Aires: Escuela Tipográfica del Colégio Pio IX, 1906.

Manso, Juana. "Apuntes para el resumen histórico de la homeopatía." *Boletín de la Sociedad Hahnemanniana Argentina* 3, nº 16 (jul. 1871): 363-366.

Masi Elizalde, Alfonso. "Resultados del IV Simposio Latinoamericano y de las II Jornadas Argentinas de Homeopatía." *Homeopatía* 34, nº 5 (dic. 1967): 201-203.

_____. “El Congreso de Buenos Aires (XXVI Congreso Internacional de Medicina Homeopática).” *Anales homeopáticos argentinos* 1, nº 2 (sep./ oct. 1972): 3-19.

_____. “Cosecha.” *Anales homeopáticos argentinos* 1, nº 2 (sep./ oct. 1972): 1-2.

_____. “Reaparición.” *Anales argentinos* 3, nº 1 (1979): 5-6.

_____. “Concepto de enfermedad y cura.” *Actas del Instituto de Altos Estudios Homeopáticos James Tyler Kent*. 8 vols. Buenos Aires: Abatros, 1984-1994.

Matheu, Domingo. *Algunas consideraciones sobre la homeopatía*. Buenos Aires: Imprenta de la “Crónica”, 1854.

Mure, Benedicto. *Propositione Aliquot ad Homoeopathiam Confirmandam aptae*. Rio de Janeiro: Ex. imp. et. const. Officina Typographica J. Villeneuve et Sociorum, 1843.

Paschero, Tomás P. “Phosphorus.” *Homeopatía* 1, nº 7 (jul. 1934): 238-246.

_____. “Comentarios sobre dos casos de Sepia.” *Homeopatía* 2, nº 11-12 (nov./dic.1935): 299-303.

_____. “La totalidad de los síntomas.” *Homeopatía* 8, nº 3 (mar.1941): 67-74.

_____. “La personalidad del remedio.” *Homeopatía* 15, nº 1 (mar. 1947):10-22.

_____. “La psicología en la facultad de medicina.” *Homeopatía* 34, nº 1 (ene./ mar. 1967): p. 5-12.

_____. “Curación y falsa curación.” *Homeopatía* 33, nº 3 (jul./ ago. 1966): 79-81.

_____. *Homeopatía*. Buenos Aires: El Ateneo, 1988.

Semich, Rodolfo. “Nuestros propósitos.” *Homeopatía* 1, nº 1 (ene. 1934): 2-3

_____. “El Departamento nacional de higiene y la homeopatía.” *Homeopatía* 6, nº 7-8 (Jul./Ago. 1939): 217-268.

_____. “La tramitación de la personería jurídica.” *Homeopatía* 7, nº 9-12 (dic. 1940): 263-303.

_____. “El desarrollo mundial de la homeopatía su progreso e su porvenir.” *Homeopatía* 1, nº 3 (Mar. 1934): 70-81.

_____. “El primer curso de homeopatía en el país.” *Homeopatía* 2, nº 7-8 (jul./ago.1935): 202-203.

_____. “Los primeros conflictos.” *Homeopatía* 2, nº 2 (feb. 1935): 33-45.

Silva, Innocencio F. *Diccionario Bibliográfico Portuguez*. Vol. 9. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870.

LITERATURA SECUNDÁRIA

Academia Medico Homeopática de Barcelona. “Dr. Proceso Sánchez Ortega 1919-2005.” *Academia Medico Homeopática de Barcelona*. http://www.amhb.net/index.php?option=com_content&task=view&id=44&Itemid=105 (acessado em 13 de março de 2013)

Adamovsky, Ezequiel. *Historia de la clase media argentina. Apogeo y decadencia de una ilusión, 1919-2003*. Buenos Aires: Planeta, 2009.

Allen, John H. *The Chronic Miasms Psora and Pseudo Psora*. New Delhi: B. Jain Publishers, 1987.

Allendy, René. “La crisis actual de la medicina (Capítulo extraído del libro “Orientación de las ideas médicas”).” *Homeopatía* 1, nº 5 (may. 1934): 150-156.

Alfonso-Goldfarb, Ana M. *O que é História da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____ & Carlos A. Maia, orgs. *História da ciência: o mapa do conhecimento*. São Paulo: Expressão e Cultura; Edusp, 1995.

_____ & Márcia H. Ferraz. “Raízes históricas da difícil equação institucional da ciência no Brasil.” *São Paulo em Perspectiva* 16, nº 3 (2002): 3-14.

_____. “A discussão sobre o princípio metálico da matéria na Royal Society e a recepção das memórias de H. Boherhaave sobre o mercúrio.” In *Filosofia e História da Ciência no Cone Sul – 3º Encontro*, ed. Roberto A. Martins, Lilian A. C. P. Martins, Cibelle C. Silva & Juliana M. H. Ferreira, 29-35. Campinas: AFHIC, 2004.

Alfonso-Goldfarb, Ana M. & Maria Helena R. Beltran. *Escrevendo a História da Ciência*. São Paulo: EDUC, 2004.

_____. “Centenário Simão Mathias: Documentos, Métodos e Identidade da História da Ciência.” *Circumscribere* 4 (2008): 5-9, <http://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/view/679/925> (acessado em 11 de março de 2013)

Avenburg, Ricardo. “Psicoanálisis, Universidad e Institución Psicoanalítica.” In *Fragmentos de la historia del psicoanálisis en la Argentina*, org. Esther Any Krieger, Gilda Sabsay Foks, Marcelo Izaguirre, Clara Lew, Norberto Szwarc & Marcos Tabacznik, 61-64. Buenos Aires: JVE ediciones, 2003.

Ayres, José Ricardo C. M. “Cuidado e Reconstrução das Práticas de Saúde.” In *Cuidado: Trabalho e Interação nas Práticas de Saúde*, 41-74. Clássicos da Integralidade em Saúde, ed. Roseni Pinheiro. Rio de Janeiro: CEPESC; IMS/UERJ; ABRASCO: 2009.

_____. “O Cuidado, os Modos de Ser (do) Humano e as Práticas de Saúde.” In *Cuidado: Trabalho e Interação nas Práticas de Saúde*, 75 – 106. Clássicos da Integralidade em Saúde, ed. Roseni Pinheiro. Rio de Janeiro: CEPESC; IMS/UERJ; ABRASCO: 2009.

_____. “Hermenêutica e Humanização das Práticas de Saúde.” In *Cuidado: Trabalho e Interação nas Práticas de Saúde*, 183-210. Clássicos da Integralidade em Saúde, ed. Roseni Pinheiro. Rio de Janeiro: CEPESC, IMS/UERJ, ABRASCO: 2009.

Bachelard, Gaston. *A Epistemologia*. Lisboa, Edições 70, 1996.

_____. *La Formation de l'esprit scientifique*. Paris: Vrin, 2004.

- Barroetaveña, Mariano. *Ideas, política, economía y sociedad en la Argentina (1880-1955)*. Buenos Aires: Biblos, 2007.
- Belmartino, Susana. *La atención médica argentina en el siglo XX*. Colección Historia y Cultura. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2005.
- Candegabe, Marcelo. *Diálogos com Tomás Pablo Paschero*. Buenos Aires: Lalaye, 1997.
- Canguilhem, Georges. *La connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1977.
- _____. *Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida*. Lisboa: Setenta, 1977.
- Carpinteiro, Enrique & Alejandro Vainer, A. *Las huellas de la memoria*. 2 vols. Buenos Aires: Topía Editorial, 2005.
- _____. *Escritos*. Buenos Aires: Kargieman, 1992.
- Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde do Brasil (1832-1930)*. <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/> (acessado em 12 de março de 2013).
- Cataldi, Gustavo A. "El vitalismo de Tomás Pablo Paschero." *Cultura Homeopática* 4, nº 12 (jul./ set. 2005): 6-9.
- Cattaruzza, Alejandro. *Historia de la Argentina: 1916-1955*. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2009.
- Cesar, Amarilys. "O medicamento homeopático nos serviços de saúde." Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1999.
- Cutolo, Vicente. *Nuevo diccionario argentino (1750-1930)*. 4 vols. Buenos Aires: Elche, 1975.
- Debus, Allen G. *Men and Nature in the Renaissance*. Cambridge History of Science Series. EUA: Cambridge University Press, 1999.
- Dinges, Martin. "Einleitung: Medizinkritische Bewegungen zwischen „Lebenswelt“ und „Wissenschaft“." *MedGG-Beihefte* 9, (1996): 7-38.

- _____. “Für eine neue Geschichte der Homöopathie.” In *Homöopathie, Heilkundige, Institutionen. Von der Anfängen bis Heute*, org. Martin Dinges, 7-22. Heidelberg: Karl F. Haug, 1996.
- _____. “The Role of Medical Societies in the Professionalisation of Homeopathy Physicians in Germany and the USA.” In *Culture, Knowledge an Healing*, ed. Robert Jütte, Guenter B. Risse & John Woodward, 173-198. Network Series, Vol. 3. Sheffield: EAHMHP, 1998.
- _____. Preâmbulo para *Patients in the History of Homoeopathy*, 1-32. Sheffield: EAHMHP, 2002.
- _____. Preâmbulo para *Weltgeschichte der Homöopathie*, org. Martin Dinges, 7-18. Munich: CH Beck; 1996.
- Eckart, Wolfgang Uwe & Robert Jütte. *Medizingeschichte: Eine Einführung*. Köln: Böhlau, 2007.
- El Diario Español. *Homeopatía y alopátia*. El Nacional. 06 de dezembro de 1854. Primeiro Caderno.
- Escardó, Florenció. “El peligro vacunal”. *Homeopatía* 63, nº 3 (1998): 205-215.
- Escuela Paschero. “Biografía del dr. Tomás Pablo Paschero”. *Escuela Paschero*. <http://escuelapaschero.com.ar/> (acessado em 15 de janeiro de 2013)
- Dagfal, Alejandro. *Entre Paris e Buenos Aires. A invenção do psicólogo (1942-1966)*. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- Dwyer, Philip G. “Self-Interest versus the Commom Cause: Austria, Prussia and Russia against Napoleon.” *The Journal of Strategic Studies*, nº 4 (ago. 2008): 605-632.
- Fraile, Guillermo. *História de la Filosofia I: Grécia y Roma*. 3ª Ed. Madrid: Editorial Católica S. A., 1971.
- Freud, Sigmund. “Projeto de Psicologia.” In *Sigmund Freud. Obras Completas*, org. James Strachey, vol. 1. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

- Galhardo, José Emydio Rodrigues. "História da Homoeopathia no Brasil." *Livro do 1º Congresso Brasileiro de Homoeopathia*, 271-1016. Rio de Janeiro: Inst. Hahnemanniano do Brasil, 1928.
- Gava, Roberto, & Antonio Abbate. *L'Esperienza, la Técnica e la Metodologia di Studio e di Cura Omeopatica delle Malattie Croniche di Masi Elizalde*. Padova: Salus Infirmorum, 2001.
- _____. *Riflessioni Omeopatiche*. 2 vols. Genova: De Ferrari Editore, 1990.
- Giampietro, Pablo Luis. Historia de la Homeopatía en la Argentina. *La Homeopatía Cura Unicista Ortodoxa de Hahnemann*, 205-220 Buenos Aires: Aude Saperel, 2011.
- Gura, Philip F. *American Transcendentalism: A History*. New York: Hill and Wang, 2007.
- Hael, Richard. *Samuel Hahnemann his life and work*. 2 vols. Trad. Marie L. Wheeler. New Delhi: B. Jain, 1992.
- Kant, Immanuel. Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica. *Escritos pré-críticos*, trad. Jair Barboza, 141-218. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- King, William H. *The History of Homeopathy*. 3 vols. New York: The Lewis Publishing Company, 1905.
- Korzeniewski, Manuel A. G. "Discursos Homeopáticos. Hacia la legalización de la disciplina em Buenos Aires (1933-1940)". *Ciencia, Docencia y Tecnologia*, nº 38 (mai. 2009): 55-85.
- Lewkowicz, Lúcia F. *Juana Paula Manso, 1819-1875: Uma Mulher del Siglo XXI*. Buenos Aires: Corregidor, 2000.
- Losada, Leandro. *Historia de las elites en la Argentina. Desde la conquista hasta el surgimiento del peronismo*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.
- Luna, Felix. *Breve historia de la sociedad argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2009.

- Luque, Suzana, A. Filadoro, A. Giuliani, E. Marcaida, M. Mazzeo, S. Nicanoff, F. Pita, A. Rodriguez, S. Rodriguez, M. Scaltritti, E. Scirica & E. Sirlin. *Historia argentina contemporánea*. Buenos Aires: Dialektik, 2008.
- Luz, Madel T. *A Arte de Curar versus A Ciência das Doenças*. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996.
- Machado, Juan E. “La farmacopea argentina y la necesidad de su revisión”. *Revista del Centro Estudiantes de Química e Farmacia* nº 46, (jul./ ago., 1930): 24-27.
- Medio, Horácio O. de. La homeopatía en el mundo, la Argentina y la medicina veterinaria. *Veterinaria Homeopática*, 33-81. Buenos Aires: Kier, 2004.
- Mora, José F. *Dicionário de Filosofia*, 2ª ed. Vol.4. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.
- Muchnik, Daniel. *Breve historia de la economía argentina*. Buenos Aires: El Atheneo, 2010.
- Nye, R. A. “The evolution of the Concept of Medicalization in the late Twentieth Century.” *Journal of History of the Behavioral Sciences* 39, nº 2 (Spring 2003): 115-129.
- Otani, Maria Aparecida P. & Nelson F. de Barros. “A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde.” *Ciência & Saúde Coletiva* 16, nº 3 (2011): 1801-1811.
- Parain, Brice. *Histoire de la Philosophie I – Orient – Antiquité – Moyen Âge*. Coleção Encyclopédie de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1960.
- Paula, Sérgio G. “Um inventário pioneiro de biografias para os historiadores das ciências.” *História, Ciência, Saúde-Manguinhos* 5, nº 1 (jun. 1998): 127-144, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459701998000100008&lng=en&nrm=iso (acessado em 14 de agosto de 2012).
- Pigna, Felix. *1810 – La otra historia de nuestra revolución fundadora*. Buenos Aires: Planeta, 2010.

- Puga, Teodoro. "Un recuerdo para Florencio Escardó." *Archivos Argentinos de Pediatría* 100, nº 4 (2011): 273-274.
- Rapou, Auguste. *Histoire de la Doctrine Médicale Homoeopathique*. 3 vols. Paris: Libraire de l'academie Royale de Médecine, 1847.
- Rastogi, D. P. "Homeopatia na Índia: Educação, Atendimento e Pesquisa." *Revista de Homeopatia* 72, nº 1 e 2, 2009: 6-13.
- Rascovsky, Andrès. "Fragmentos históricos." In *Fragmentos de la historia del psicoanálisis en la Argentina*, org. Esther Any Krieger, Gilda Sabsay Foks, Marcelo Izaguirre, Clara Lew, Norberto Szwarc & Marcos Tabacznik, 33-38. Buenos Aires: JVE ediciones, 2003.
- Resnicoff, Benjamín. "Desarrollo del psicoanálisis en la Argentina. Breve reseña testimonial". In *Fragmentos de la historia del psicoanálisis en la Argentina*, org. Esther Any Krieger, Gilda Sabsay Foks, Marcelo Izaguirre, Clara Lew, Norberto Szwarc & Marcos Tabacznik, 81-88. Buenos Aires: JVE ediciones, 2003.
- Schmidt, Pierre. "Bases fundamentales de la homeopatía." *Homeopatía*, nº 1 (ene. 1935): 24-29.
- Swedenborg, Emanuel. *The Universal Human and Soul-Body Interaction*. Trad. e ed. George F. Dole. The Classics of Western Spirituality. New Jersey: Paulist Press, 1984.
- Tesser, Charles D. & Paulo P. Neto Campos, G. W. S. "Acolhimento e (des) medicalização social. Um desafio para as equipes de saúde da família." *Ciência & Saúde Coletiva* 15, nº 3 (2010): 3615-3624.
- Thiago, Rachel S. *Fourier: Utopia e Esperança na Península do Saí*. Florianópolis: FURB, 1995.
- Thomaz, Luciana C. "Marcel Martiny: Eugenia e Biotipologia na França do Século XX." Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

Tischner, Rudolf. *Geschichte der Homöopathie. die homöopathie seit 1850*, vol.4. Leipzig: Willmar Schwabe, 1939.

Túmburus, Juan. *Síntesis histórica de la medicina argentina*. Buenos Aires: El Atheneo, 1926.

Un ciudadano. “A un eclético.” *La nación Argentina* 27 de Novembro de 1867, Primeiro Caderno.

Universidad Maimónides. “Biografía de su fundador: Dr. Francisco Xavier Eizayaga.” *Universidad Maimónides*. http://www.homeos.org/intro_biografia.html (acessado em 15 de janeiro de 2013).

Waisse-Priven, Silvia. *Hahnemann: um médico de seu tempo*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2005.

_____. *d & D: duplo Dilema – du Bois-Reymond e Driesch, ou a vitalidade do vitalismo*. São Paulo: Educ; FAPESP, 2008.

_____. “No *Backstage* da Pesquisa em História da Ciência.” In *Centenário Simão Mathias. Documentos, Métodos e Identidade em História da Ciência*, org. Ana Maria Alfonso-Goldfarb, José L. Goldfarb, Márcia H. M. Ferraz & Silvia Waisse. Vol. 1, 299-306. São Paulo: PUC-SP, 2009.

_____. “Aspectos historiográficos em homeopatia.” *Cultura Homeopática* 2, nº 5 (out./ dez. 2003): 61-67.

_____. “A experimentação de medicamentos no século XVIII.” In *O saber fazer e seus muitos saberes: experimentos, experiências e experimentações*, org. Ana Maria Alfonso-Goldfarb & Maria Helena Roxo Beltran, 313-335. São Paulo: Educ; FAPESP, 2006.

_____. “Hahnemann plagiou Tomás de Aquino?” *Cultura Homeopática* 3, nº 9 (out./ dez. 2004): 17-27.

_____. “History of homeopathy and social history of medicine: the story of a successful marriage.” *International Journal of High Dilution Research* 8, nº 28 (2009): 128-14.

_____ & Conrado Mariano Tarcitano Filho. “Mapeando os itinerários da medicina: Brasil-Portugal na transição do oitocentos, o caso da homeopatia.” In *Livro de Actas do Congresso Luso-Brasileiro de Histórias das Ciências*, org. Carlos Fiolhais, Carlota Simões e Décio Martins, 645-657. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

_____. “The Science of high dilution in historical context.” *Homeopathy* 101, nº 2 (2012): 129-137.

_____. “East meets West: Johann M. Honigberger and Medical Pluralism through the Eyes of a 19th. Century Transilvanian Saxon.” *Índia Medizin Gesellschaft und Geschichte*, nº 31 (2012) [no prelo].

Weisz, George. “Un periodo de auge: la crisis de los años treinta.” *Mundo Científico*, nº 193 (sep. 1988): 40-46.

_____. “A Moment of Synthesis: Medical Holism in France between the Wars.” In *Greater than the Parts: Holism in Biomedicine 1920-1950*, ed. Christopher Laurence, 68-93. New York: Oxford University Press, 1998.

Walzer Vijnovsky, Andrès. *Historia de la homeopatía en la república argentina desde 1817 hasta nuestros días*. Buenos Aires: Estilos Gráficos, 2008.

Wender, Leonardo. “Orígenes del psicoanálisis y de su institucionalización en la Argentina.” In *Fragmentos de la historia del psicoanálisis en la Argentina*, org. Esther Any Krieger, Gilda Sabsay Foks, Marcelo Izaguirre, Clara Lew, Norberto Szwarz & Marcos Tabacznik, 43-56. Buenos Aires: JVE ediciones, 2003.

Winston, Julian. *The Faces of Homoeopathy: An Illustrated History of the First 200 years*. New Zealand: Great Auk Publishing, 1999.
